



América Latina: da Argentina ao México



GEOPOLÍTICA 2



GILES CLARK/GETTY IMAGES



Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beleguins nativos.

Eduardo Galeano, escritor uruguaio.

Pobreza, fome, crescimento econômico e distribuição de renda

Extremamente rico, extremamente pobre: como resolver essa contradição?

Ao longo de sua história, quer dizer, ao menos desde o início da invasão ibérica no final do século XV, a América Latina convive ao mesmo tempo com imensa pobreza e uma riqueza maior ainda. Considerando-se um Produto Interno Bruto (PIB) de quase US\$ 5 trilhões¹ para os 21 países da América Latina e uma população de 588 milhões,² cada família teria direito a uma renda mensal de aproximadamente US\$ 2.900,00. É claro que essa é uma situação hipotética, imaginando-se a possibilidade de uma divisão “perfeita” de todos os bens e serviços. No entanto, o número nos sugere que a causa da pobreza na América Latina (como ocorre em qualquer outro lugar do planeta) não é a falta de riqueza, mas sua extrema concentração. Segundo pesquisa divulgada pela agência de notícias *Bloomberg*, com dados referentes ao ano de 2013, 12 360 latino-americanos ultrarricos possuíam US\$ 1,89 trilhão, ou seja, 0,00002% dos habitantes da América Latina fica com quase 38% de toda a riqueza dessa região.

O crescimento econômico, em geral, caminhou e caminha de mãos dadas com a miséria para ampla maioria. A concentração é tão grande que não é necessária uma grande renda para que se esteja entre os mais abastados,³

não obstante as melhorias desde a primeira década do século XXI na América Latina.⁴

Um sinal dessa pequeníssima, mais muito significativa distribuição de renda, está na recuperação do salário mínimo. Apesar de continuar longe do que determina a lei, o salário na América Latina alcançou progressos na década de 2000. Por exemplo, no Brasil, entre 2004 e 2015, obteve aumento real de 76,5%, segundo o Ministério do Trabalho e do Emprego. Observe a seguir um gráfico comparativo de valores do salário mínimo na região.

Salário mínimo na América Latina e Caribe



Fonte: Organização Internacional do Trabalho (OIT), setembro de 2012.

¹ Fonte: CIA, *The World Factbook*, base 2012.

² Fonte: *ONU Habitat*, base 2010.

³ Veja a seção **Navegar** desta aula.

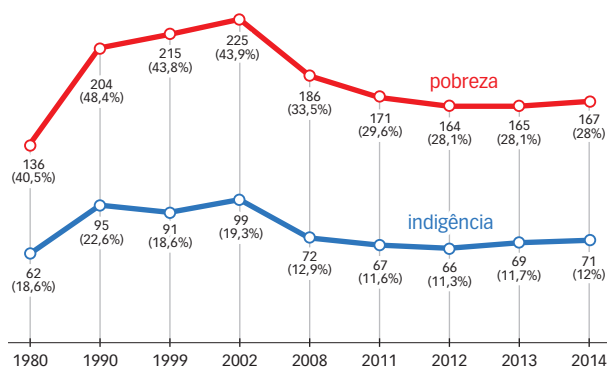
⁴ Esse aparente cenário contraditório entre elevação da concentração de renda e concomitante diminuição da pobreza na América Latina é o mesmo em âmbito mundial. Para mais detalhes, ver a Apostila 1, aulas 1 e 2: “Globalizações”.

:: Estratégias antineoliberais (ou neodesenvolvimentistas) com o início do século XXI

Na América Latina, ao longo dos anos 1980 e 1990 (período de implantação das políticas neoliberais), os números absolutos e percentuais da pobreza e da indigência aumentaram. Nos anos 2000, com os governos neodesenvolvimentistas,⁵ a situação melhorou. Em 2002, 43,9% dos latino-americanos eram pobres (225 milhões de pessoas). Em 2014, considerando-se que a população total aumentou, o percentual de pobres caiu para 28% (167 milhões). A queda substancial também foi verificada no nível da indigência (miséria): de 19,3% em 2002 (99 milhões de pessoas), caiu para 12% (71 milhões de pessoas) em 2014.

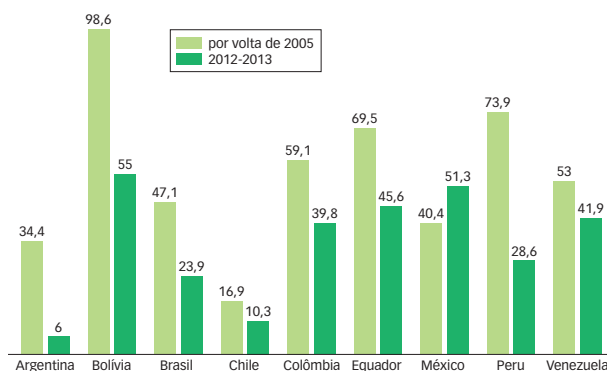
Pobreza e indigência na América Latina

Em milhões de pessoas
Entre parênteses, em percentual sobre o total da população



Por países

Pessoas em situação de pobreza ou indigência
Em % sobre o total da população



Fonte: Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal).

⁵ Governos que privilegiam a intervenção estatal na sociedade e na economia em oposição às políticas neoliberais, baseadas na primazia do mercado. Ler mais sobre o *Consenso de Washington* na Apostila 1, aulas 1 e 2.

No período em questão, a América Latina foi governada por administrações antineoliberais, ou seja, por administrações consideradas progressistas. O mapa a seguir evidencia a eleição de gestores situados à esquerda do espectro ideológico.

Presidentes eleitos a partir do início do século XXI na América Latina (ano de 2014)



Fonte: Opera Mundi.

Uma das explicações para esse paradoxo (riquezas e pobreza simultâneas, algumas melhorias substanciais convivendo com a “medalha de ouro” da desigualdade) está na economia e nas políticas públicas.

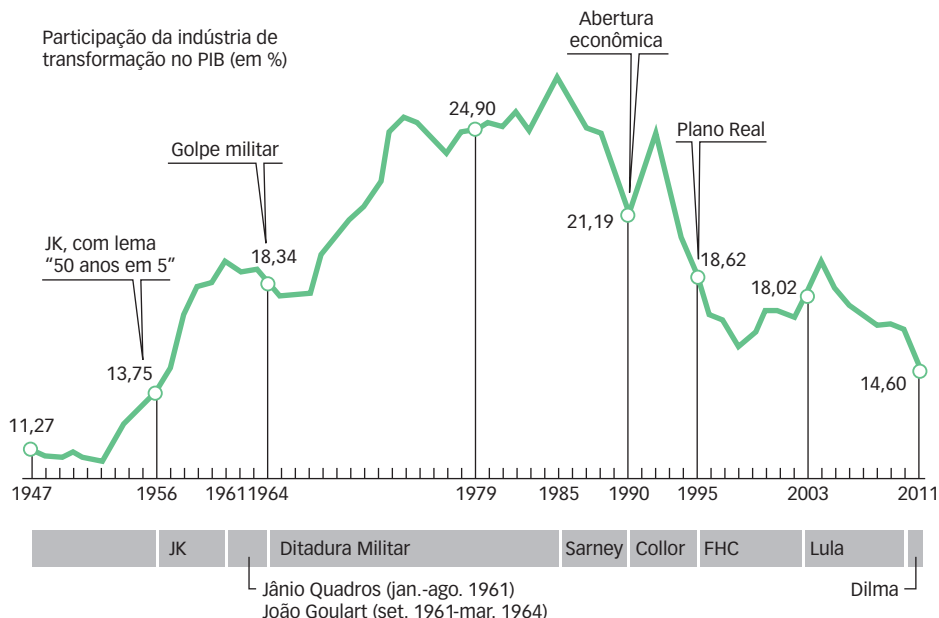
A economia

A característica do desenvolvimento econômico tem sido a de uma região agroexportadora (particularidade também pertencente ao Brasil), incluindo-se minérios, às regiões de capitalismo central: em um primeiro momento, para a Europa Ocidental, e nos últimos cem anos, para os Estados Unidos. Gigantescas quantidades de alimentos, minérios e demais produtos primários abasteceram e abastecem as metrópoles de ontem e de hoje. Lá esses produtos são industrializados, e então são vendidos aqui. A economia deste lado do mundo não consegue efetivamente se industrializar, muito menos a partir de uma

industrialização autônoma e independente, e o resultado é a exportação de riqueza *in natura* com baixíssimo valor agregado e a importação de produtos industrializados com tecnologias cada vez mais sofisticadas e de altíssimo valor agregado.

Crise na indústria

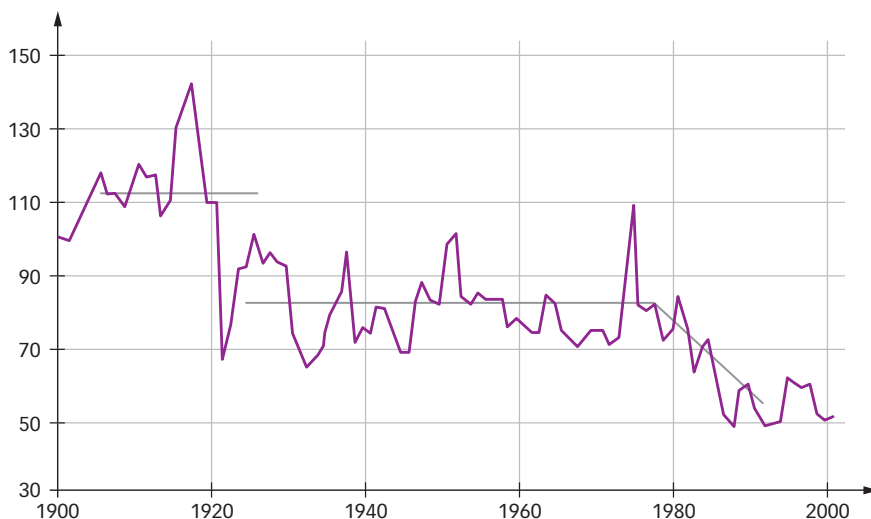
Participação do setor na economia brasileira cai e volta ao nível dos anos JK



Fonte: IBGE.

Sendo assim, na América Latina, da mesma forma que no Brasil (conforme já assinalado), a participação dos manufaturados nas exportações é cada vez menor, significando um processo de desindustrialização.

Trata-se de um ciclo vicioso consolidado e ainda em pleno vigor no século XXI. E, para agravar o contexto, quando caem os valores dos produtos naturais exportados, instala-se uma crise ou a sua ampliação. O gráfico a seguir representa a queda real nos preços de *commodities* (matérias-primas: 24 produtos, excluindo-se petróleo) ao longo do século XX. Em outros termos: mesmo aumentando muito as exportações, a América Latina constantemente transfere riqueza, pois os valores de seus produtos são permanentemente deteriorados.



Fonte: OCAMPO, José Antonio; PARRA, María Ángela. *El retorno de un eterno debate: los términos de intercambio de los productos básicos*. Santiago: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), 2002.

831-2

Reverter o quadro da desindustrialização é essencial, e para isso se torna vital o fortalecimento da indústria nacional, o que não ocorre sem altos investimentos em educação e pesquisa.

Problemas também na ciência e inovação

Indústria avançada e ciência estão diretamente conectadas. As nações mais desenvolvidas e soberanas sabem disso e por esse motivo priorizam o tema, ao contrário do que fazem os latino-americanos. Um indicador do baixíssimo nível de inovação científica pode ser verificado por meio do número de patentes. Os países da América Latina apresentam desempenho pífio, apesar de a produção brasileira ter mantido uma melhoria constante nos últimos anos. Nações como a Argentina e o México, mesmo constituindo economias importantes, demonstram um desenvolvimento irrisório. Os de maior relevância, não coincidentemente, estão entre as nações mais avançadas: Alemanha, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Japão, Reino Unido e Rússia. Podemos depreender dessa realidade que, no Brasil e na América Latina, a indústria é dependente e somente reprodutora da tecnologia desenvolvida nos centros mais importantes. O grande destaque, como se pode ver na tabela a seguir, é a China.

Solicitações de patentes – Banco Mundial

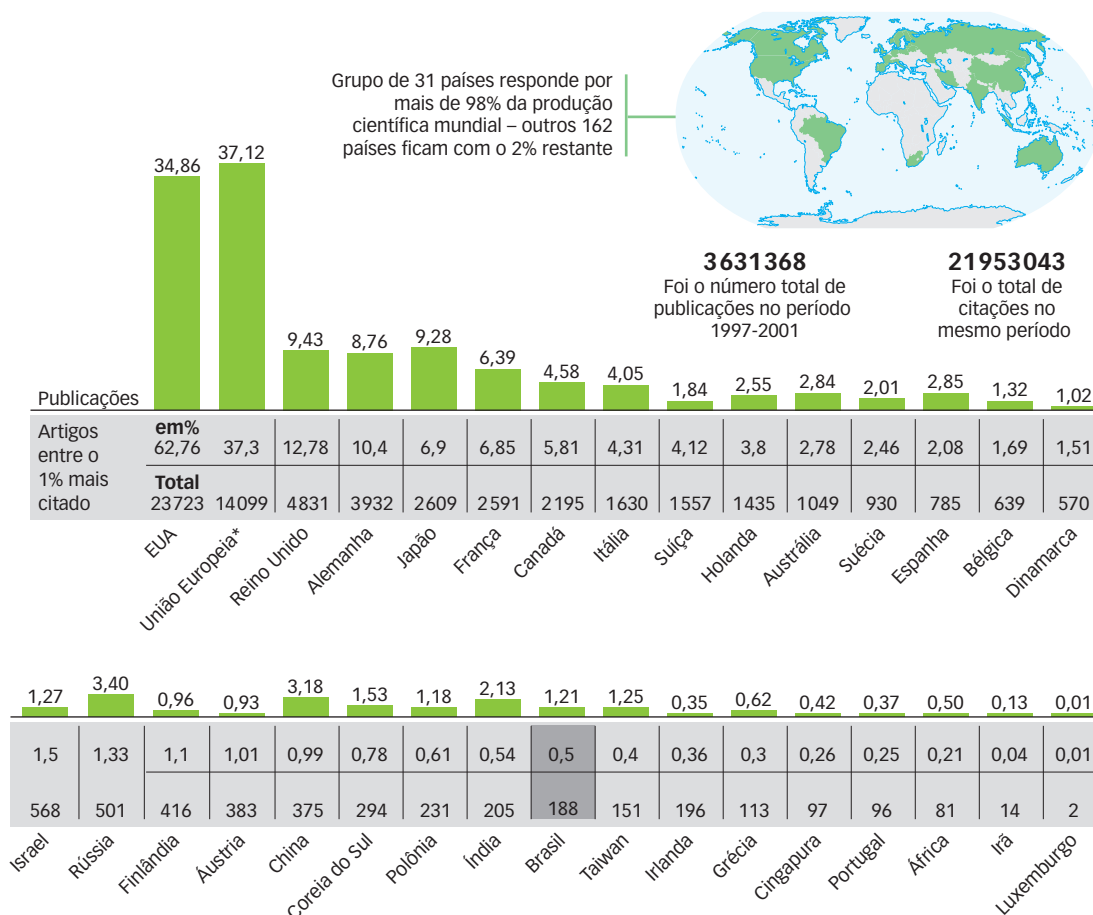
País	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Alemanha	48 448	48 367	48 012	47 853	49 240	47 859	47 047	46 986	46 620	47 353
Argentina	786	1 054	1 020	937	801	–	–	–	735	643
Brasil	4 044	4 054	3 956	4 194	4 280	4 271	4 228	4 695	4 798	4 959
China	65 786	93 485	122 318	153 060	194 579	229 096	293 066	415 829	535 313	704 936
Coreia do Sul	105 250	122 188	125 476	128 701	127 114	127 316	131 805	138 034	148 136	159 978
EUA	189 536	207 867	221 784	241 347	231 588	224 912	241 977	247 750	268 782	287 831
França	14 230	14 327	14 529	14 722	14 658	14 100	14 748	14 655	14 540	14 690
Índia	4 014	4 721	5 686	6 296	6 425	7 262	8 853	8 841	9 553	10 669
Japão	368 416	367 960	347 060	333 498	330 110	295 315	290 081	287 580	287 013	271 731
México	565	584	574	629	685	822	951	1 065	1 294	1 210
Reino Unido	19 178	17 833	17 484	17 375	16 523	15 985	15 490	15 343	15 370	14 972
Rússia	22 985	23 644	27 884	27 505	27 712	25 598	28 722	26 495	28 701	28 765

Fonte: Banco Mundial. Elaborado pelo autor.

A produção científica é outro fator que explica a dependência tecnológica e, conseqüentemente, uma das causas da defasagem no desenvolvimento da indústria.

Classificação da produção científica mundial

Entre 1997-2001, em % de publicações



*Bloco de 15 países.

Obs.: A soma das publicações passa do total mundial por causa da colaboração internacional. Um mesmo artigo pode ter autores de vários países.

Fonte: David A. King. *Nature*.

Quanto maior a “liberdade”, melhor a sociedade?

Um argumento muito questionável associa competitividade com liberalismo, ou melhor, neoliberalismo. Em outras palavras, a sociedade somente poderia ser competitiva se as leis de mercado regessem a vida social e econômica; se os serviços públicos fossem privatizados (incluindo-se saúde, educação e previdência social); com impostos baixíssimos e sindicatos débeis. A Finlândia é considerada uma das economias mais competitivas do mundo. Ao mesmo tempo, segue o oposto da receita neoliberal. Seus sistemas de previdência, saúde e educação são estatais e estão entre os melhores do planeta. Os sindicatos são fortes, atuantes e respeitados, além de possuir uma das maiores cargas tributárias (claro que paga mais quem ganha mais – ver, na sequência, “Paga mais quem ganha menos e paga menos quem ganha mais”). Outro diferencial do país é o altíssimo investimento em ciência e tecnologia: 4% do PIB, o segundo maior do mundo.

:: As veias abertas da América Latina

O fator efetivamente gerador de riqueza não é a tecnologia nem os bens oferecidos pela natureza, mas o trabalho. Sem ele – ainda que evidente, vale a lembrança –, não há produção humana. Foi e é a mão de obra de milhões de trabalhadores e trabalhadoras que produziram e produzem todas as riquezas. No caso do tema de nossa aula, a clássica obra do escritor uruguaio Eduardo Galeano,⁶ *As veias abertas da América Latina*, publicada em 1971, retrata a exploração do continente desde a chegada dos europeus até o século XX. O saque europeu do continente latino-americano se viabilizou por meio da escravização dos indígenas, com a destruição de sua cultura, e depois, dos negros africanos. A produção de açúcar, e na sequência a enorme extração de ouro e prata, enriqueceram as elites europeias, especialmente a portuguesa e a espanhola, para depois servir como suporte do desenvolvimento da indústria inglesa. O poder do latifúndio, existente até hoje, estruturou todo o território. Muito brevemente, é esse o itinerário analisado por Galeano, essencial para a compreensão da atual geopolítica do continente.

A exploração da mão de obra indígena e depois negra foi substituída pelo trabalho assalariado desde o final do século XIX, época em que começaram a surgir também os sindicatos, versão moderna das inúmeras formas de rebelião e resistência de trabalhadores e escravos no passado.

África, Ásia e América Latina estiveram e estão, usando a metáfora de Galeano, com a sua energia sendo drenada para alimentar a carne de seus colonizadores de ontem e de hoje. Esse é o sangue de seus trabalhadores e de seus povos.

Políticas públicas e concentração de riqueza

Injustiça tributária, juros elevados e ausência de políticas públicas sociais efetivas são também apontados como fatores causadores da concentração de riqueza. O Estado praticamente não existe na América Latina, salvo exceções.

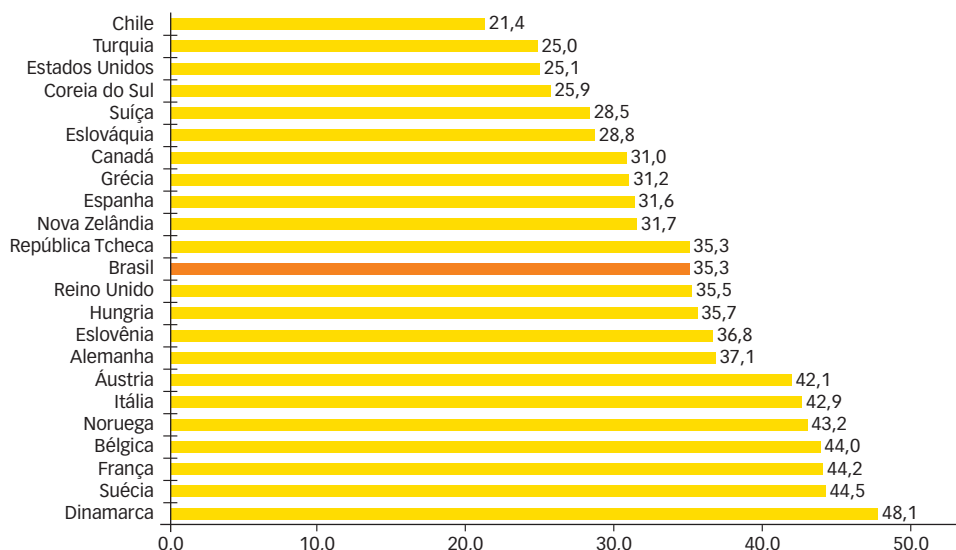
:: Paga mais quem ganha menos e paga menos quem ganha mais

O discurso dominante na grande mídia e entre os defensores da “liberdade” de mercado é o de que os impostos são excessivos, tentando imputar também a esse dado o atraso na América Latina. Nada mais falso. Países historicamente liberais como Reino Unido, Alemanha, Itália e França têm cargas tributárias muito maiores do que as existentes no Brasil e nos demais países da América Latina. Segundo dados de 2011 (veja os gráficos a seguir), o percentual de impostos em relação ao PIB vai de 10,7% no México a 26,5% no Uruguai – como se pode constatar no gráfico, muito abaixo dos países europeus, com a campeã Dinamarca cobrando 48,1%. Altos impostos na Europa Ocidental não têm, por exemplo, impedido o desenvolvimento empresarial privado. Pelo contrário, tais nações estão entre as mais empreendedoras e inovadoras do planeta. Logo, engana-se ou tenta enganar quem responsabiliza os impostos pelo baixo crescimento verificado na América Latina.

⁶ Falecido aos 74 anos em 13 de abril de 2015.

Carga tributária

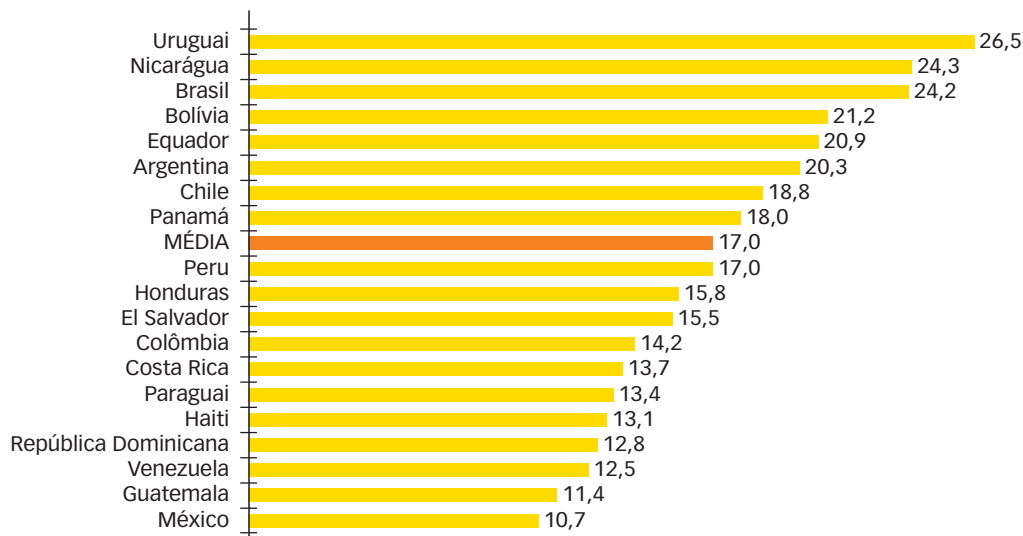
Brasil e países selecionados, 2011 (em % do PIB)



Fonte: OCDE e RFB.

Carga tributária na América Latina

Receitas tributárias com contribuições especiais do Governo Central/PIB para 2011



Fonte: Cepal.

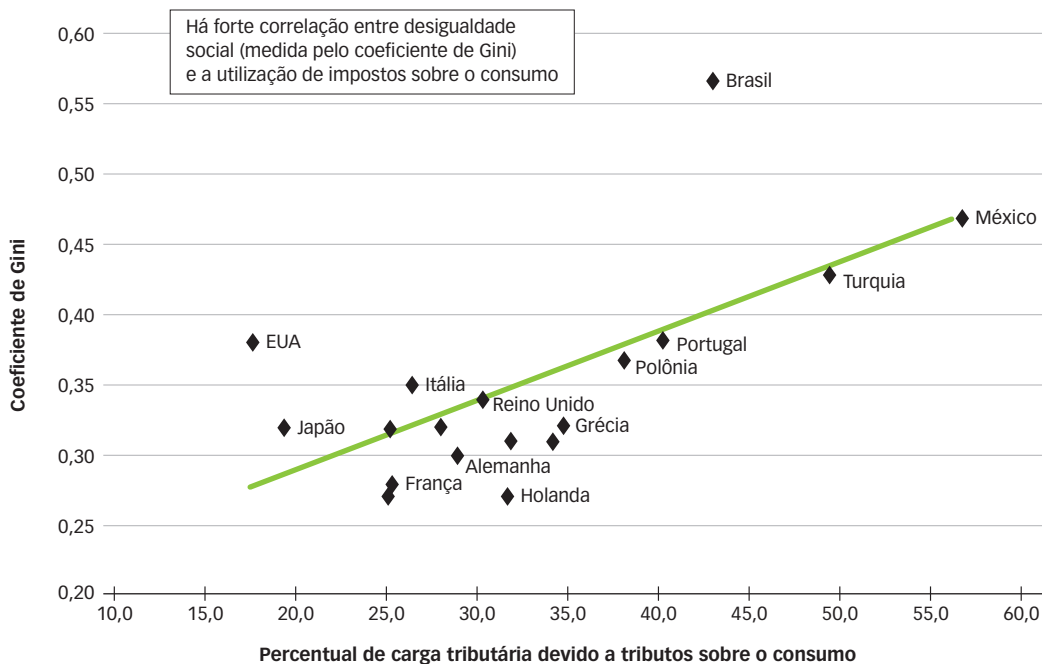
Observamos que na América Latina, em 2011, a carga tributária média era de 17%: aproximadamente 30 pontos percentuais a menos que na Dinamarca. Como se sabe, esse país possui um dos melhores indicadores de qualidade de vida para todo o seu povo, e os serviços sociais essenciais (educação e saúde) são universais, gratuitos e de altíssimo nível. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), utilizado pela ONU, colocava a Dinamarca, no ano de 2011, na 16ª posição entre 187 países. O México, com a menor carga tributária da América Latina (10,7%), estava em 57ª lugar. Apesar de o IDH⁷ não ser o melhor instrumento para se medir a eficiência na aplicação de recursos públicos, esse índice nos dá uma amostra do equívoco de associar diminuição de impostos com bem-estar social.

⁷ O IDH é uma síntese de dados quantitativos sobre educação, saúde e renda. Não oferece, portanto, informações qualitativas nem de outras áreas, como democracia, participação, equidade, sustentabilidade etc.

Onde, então, está o problema? Em dois pontos: o retorno dos impostos pagos e quem os paga.

Quando o imposto está baseado no consumo, e não na renda, quem acaba pagando mais imposto são os mais pobres. Por exemplo, ao comprar um quilo de feijão, aquele que ganha pouco ou muito pouco acaba pagando o mesmo tributo que o super-rico ao comprar o mesmo produto. Por outro lado, se o imposto fosse baseado na renda, o pobre, com baixa renda, pagaria muito menos em relação a quem possui uma renda milionária, ou nada pagaria. Em geral, os países considerados pobres ou muito desiguais cobram impostos baseados na renda e não no consumo. No Brasil, apenas 21% dos impostos arrecadados provêm da renda, enquanto 44% vêm do consumo. Na América Latina, segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a média dos impostos arrecadados sobre a renda também é muito baixa: 25%, e sobre o consumo é ainda mais alta: 52%. Também de acordo com a OCDE, nenhum país rico tem uma taxa tão elevada de tributação do consumo. Nesse caminho, pode-se deduzir que há uma forte relação entre desigualdade social e impostos sobre o consumo. O gráfico a seguir nos auxilia a compreender tal afirmação.

Desigualdade social × impostos sobre consumo



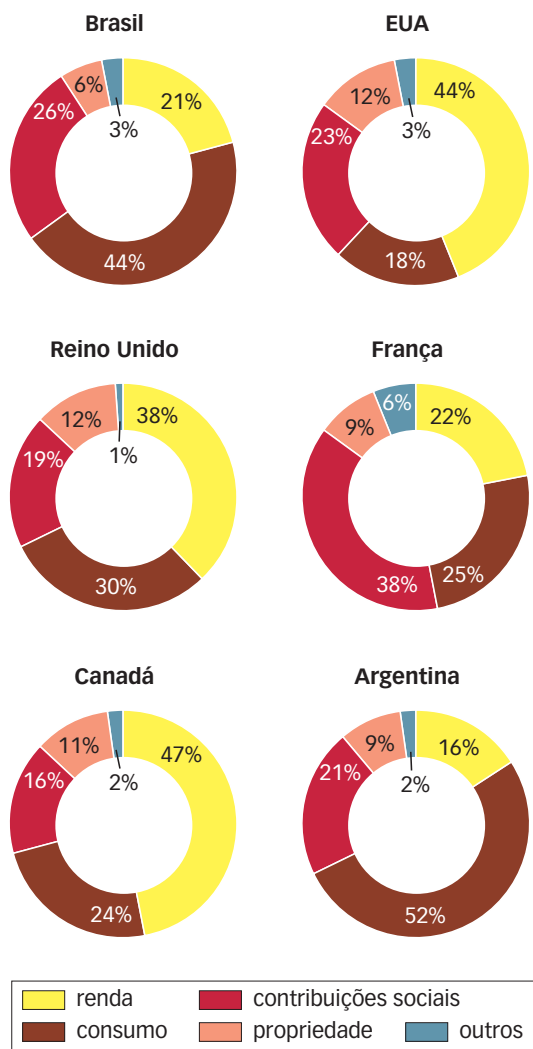
Fonte: OCDE. Países com mais de 10 milhões de habitantes.

Observe que os países com coeficiente de Gini⁸ mais próximo de 1, ou seja, mais desiguais, cobram mais imposto sobre o consumo que sobre a renda. São países pobres e da América Latina, Ásia ou periferia da Europa. Ao mesmo tempo, os considerados desenvolvidos apresentam coeficiente de Gini mais próximos de 0 (zero) e cobram menos imposto sobre o consumo. Mais uma vez, podemos concluir que a discussão sobre uma carga tributária baixa ou alta pode não ser a questão mais importante. Serviços públicos totalmente gratuitos de saúde e educação – para citar somente dois dos mais importantes –, de qualidade e para todos, sem distinção, custará caro e deve ser pago de alguma maneira. Em outras palavras, pelos impostos. Não há país com excelência nos serviços públicos e concomitante baixa carga tributária. Há, sim, países que oferecem ótimos serviços públicos, com acesso universal, de qualidade e com alta carga tributária proveniente fundamentalmente da renda, e não do consumo.

O gráfico a seguir nos mostra os diferentes percentuais de cobrança de impostos em alguns países. A informação reforça a ideia aqui exposta: mais impostos pagos pelos ricos significa melhor qualidade de vida para todos.

⁸ O coeficiente de Gini é utilizado para medir a desigualdade na distribuição de renda. Quanto mais próximo de 1, maior a desigualdade e, conseqüentemente, quanto mais próximo de 0 (zero), menor a desigualdade.

Composição de arrecadação (em %)



Fonte: OCDE.

A questão fundamental é: para onde vai a América Latina?

A América Latina deve optar entre avançar no desenvolvimento social e econômico ou retroceder à pauperização dos anos 1990 e períodos anteriores? Investir a riqueza produzida em seu próprio território, distribuindo-a entre seus criadores, de fato, parece óbvio, e de certa maneira é. Entretanto, a história tem mostrado que aquilo que é evidente geralmente não é praticado. O caminho a ser seguido pela América Latina depende não só das decisões políticas internas de cada um de seus países, mas também de sua (geo)política continental. Para isso, levando-se em consideração a interdependência global,

são cada vez mais importantes os organismos multilaterais. Com esse fim, a seguir examinamos os objetivos e características das entidades representativas mais importantes de nossa região.⁹

Alba (Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América) – TCP (Tratado de Comércio dos Povos)

- Histórico: Criada em 14 de dezembro de 2004 na cidade de Havana, Cuba. Inicialmente foi fruto de um acordo entre Fidel Castro e Hugo Chávez. Hoje é constituída por oito países: Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, Antígua e Barbuda, Dominica, Equador e São Vicente e Granadinas. *Site*: portalalba.org. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Integrar os países da América Latina e Caribe, nos âmbitos político, social e econômico. Sendo contrária a acordos exclusivamente comerciais, afirma como ponto fundamental a primazia social. Pode-se dizer que se trata de uma contraposição à Alca. A Alba criou uma moeda virtual, o *sucre*,¹⁰ que substituiu o dólar no comércio internacional entre seus membros.

Alca (Área de Livre Comércio das Américas)

- Histórico: Proposta pelo presidente Bill Clinton (EUA) em 1994. No entanto, não se concretizou.
- Objetivos e características: Visa eliminar as barreiras alfandegárias entre todos os países americanos, exceto Cuba. Se constituída, formaria o maior bloco comercial do mundo. A iniciativa encontra-se paralisada desde 2005, quando vários países foram contrários, inclusive o Brasil. A principal justificativa é o receio de que, devido às dimensões dos EUA, os demais países americanos seriam dominados economicamente, com vários prejuízos sociais. Internamente, nos Estados Unidos, há também fortes resistências, alegando-se, por exemplo, que muitas empresas sairiam do país em busca de custos menores na América Latina.

Aliança do Pacífico

- Histórico: Criada oficialmente em 2011, é um bloco comercial e econômico formado por Chile, Colômbia, México e Peru e vários países observadores. *Site*: alianzapacifico.net. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Entre seus interesses está o comércio com a Ásia, leia-se, China. De certa forma,

⁹ Apesar de não ser uma entidade política, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila – unila.edu.br, acesso em: 22 dez. 2015), além de ser uma opção para o ensino universitário, é uma excelente ferramenta para a união continental dos povos.

¹⁰ Para mais informações, acesse: www.sucrealba.org.

é contrária à opção ideológica de organizações como, por exemplo, a Alba. Outro indicador do viés estritamente econômico-financeiro são as conversações para integração entre as bolsas de valores de seus países-membros.

Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos)

- Histórico: Criada em 2010, abriga 33 países americanos, nos quais não estão incluídos Estados Unidos e Canadá.
- Objetivos e características: Com a Celac, observamos novamente a contraposição político-ideológica na América Latina do início do século XXI. Não sendo integrada pelos Estados Unidos, há uma clara intenção de se tornar alternativa à tradicional OEA. Enquanto espaço político, objetiva resolver conflitos políticos na região sem a influência dos Estados Unidos.

Foro de São Paulo

- Histórico: Atualmente com 112 entidades integrantes (entre partidos, movimentos sociais e ONGs), foi criado em 1990 e envolve 26 países da América Latina e Caribe. *Site*: forodesaopaulo.org. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Inclui grupos de significativa variedade ideológica, indo da social-democracia até a extrema esquerda, passando pela esquerda católica, ambientalistas, nacionalistas, sindicatos e ONGs. Criado em 1990, trata-se de uma organização cujo objetivo é propor políticas para a integração da região, incluindo a sugestão de políticas sociais. Defende a soberania, a autodeterminação e a identidade histórica e cultural do continente, bem como a democracia e os direitos humanos, além de discutir alternativas à política e à economia neoliberais. Reúne-se a cada um ou dois anos com as orientações de seu secretariado permanente desde 1995.

Mercosul (Mercado Comum do Sul)

- Histórico: A organização mais conhecida por nós brasileiros foi fundada em 1991 e tem hoje como membros plenos Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela; como membros associados: Chile, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru, e, como observadores, Nova Zelândia e México. *Site* oficial: mercosur.int. Acesso em: 22 dez. 2015. *Site* brasileiro: mercosul.gov.br. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Em termos mais amplos, tem como função a integração regional, e para isso já

realizou vários acordos comerciais, econômicos, políticos e de cooperação social nas mais variadas áreas. Há projetos executados e em execução, nas áreas de cultura; cinema; meio ambiente; ciência, tecnologia e inovação; gênero; educação; saúde, bem como a produção de vários estudos, publicações, relatórios e até uma interessante biblioteca digital. Entre os órgãos de sua estrutura, encontra-se o *Parlasur* ou Parlamento do Mercosul (parlamentodelmercosur.org; acesso em: 22 dez. 2015). Trata-se de um órgão deliberativo do Mercosul composto de membros eleitos direta (Paraguai e Argentina) ou indiretamente (Brasil, Uruguai e Venezuela). Tem como objetivo melhor representar os povos dos países-membros plenos do Mercosul. Apesar de muito positiva, a iniciativa ainda necessita consolidar-se, aprofundando sua legitimidade e institucionalidade.

Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio)

- Histórico: Formado por Canadá, México e Estados Unidos, tendo também o Chile como associado, foi criado em 1994. É um acordo estritamente comercial e financeiro para a eliminação alfandegária total e de restrições de outros tipos. *Site*: nafta-sec-alena.org. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Entre os objetivos declarados estão a eliminação de impostos de importação; aumentos de investimentos entre os países integrantes; e resolução de disputas. Vinte anos depois de sua instalação, os resultados têm sido muito ruins para a maioria do povo e dos trabalhadores.¹¹

Unasul (União das Nações Sul-Americanas)

- Histórico: É composta de 12 países da América do Sul e foi criada em 2010, tendo dois países como observadores: México e Panamá. Sua sede está em Quito, Equador. *Site*: unasursg.org. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Possui também um Parlamento, com sede em Cochabamba na Bolívia, e o Banco do Sul, em Caracas, Venezuela. Objetiva a integração da América do Sul por meio de estratégias nos campos de infraestrutura, financiamento, política monetária, política de defesa e desenvolvimento da democracia. Desenvolve ações na área da saúde, no combate às drogas e ações políticas, como o acompanhamento de eleições em seus países-membros.

¹¹ Para mais informações, ver aula 8, nesta Apostila 2.

OEA (Organização dos Estados Americanos)

- Histórico: Criada em 1948, é composta atualmente de 35 países. *Site*: oas.org/pt. Acesso em: 22 dez. 2015.
- Objetivos e características: Cuba foi excluída da OEA em 1962 por se declarar socialista, e desde então não foi reintegrada. Tal comportamento tem estimulado, a partir do século XXI, o surgimento de organizações alternativas como as referidas Unasul e Celac, sendo a OEA criticada pela falta de autonomia em relação aos Estados Unidos em suas decisões. Entre seus objetivos estatutários estão a defesa da democracia, dos direitos humanos, segurança e desenvolvimento. Desenvolve ações relacionadas ao acompanhamento de eleições, negociações comerciais, atuação em desastres naturais, constituindo-se, especialmente, em espaço político.

Estas são somente as organizações mais importantes e que mais nos interessam nesta aula, entre tradicionais e alternativas, quer dizer, criadas mais recentemente e que claramente questionam as organizações anteriores. Por exemplo, a Alba-TCP é composta basicamente por países com governos mais à esquerda e que criticam entidades como a OEA, segundo eles, excessivamente dominadas pelos Estados Unidos. Há ainda os escritórios e agências de outras organizações globais, como as ligadas à ONU, aos sindicatos mundiais, às organizações não governamentais e demais grupos de interesse mais específico.¹² É também fundamental ressaltar que a disputa político-ideológica existente na América Latina igualmente se expressa em suas organizações regionais, conforme podemos observar no quadro que acabamos de analisar.



EXERCÍCIOS

- (Cesgranrio) No período que se estende da década de 1930 até o pós-guerra, diversos países da América Latina passaram por transformações de suas estruturas políticas, econômicas e sociais. Como resultado dessas transformações identificamos o surgimento de movimentos reformistas sociais e a emergência de governos populistas em diversos países latino-americanos. Assinale a opção que se relaciona corretamente com essa fase do populismo.
 - Enfraquecimento político e social das organizações e representações sindicais e do operariado urbano.
 - Exclusão do operariado da legislação trabalhista, criada nesse período, que privilegiava os segmentos médios urbanos e industriais.
 - Monopólio dos grupos empresariais privados no processo de industrialização da América Latina.
 - Crise do Estado oligárquico baseado nos modelos econômicos agroexportadores.
 - Fortalecimento dos partidos políticos ideologicamente constituídos em oposição aos movimentos nacionalistas.
- (FGV – Adaptado) Leia o fragmento de texto sobre a América Latina:

[...] o novo regime já não é oligárquico, não obstante as oligarquias não tenham sido fundamentalmente afetadas em suas funções de hegemonia social e política aos níveis local e regional e se encontrem, de algum modo, representadas no Estado [...] Trata-se de um Estado de Compromisso que é ao mesmo tempo um Estado de Massas, expressão da prolongada crise agrária, da dependência social dos grupos de classe média, da dependência social e econômica da burguesia industrial e da crescente pressão popular.

O fragmento trata do surgimento, na região, dos regimes:

 - populistas.
 - comunistas.
 - neoliberais.
 - autonomistas.
 - socialistas.

**ESTUDO ORIENTADO**

Caro(a) aluno(a),

Neste caderno, estudaremos as relações geopolíticas dos países americanos de origem latina. O seu estudo nos atrai não só por ser nossa casa, mas também porque é uma região vibrante pela dinamicidade de sua história, bem como pela força de suas potencialidades e de seus dramas.

Ao mesmo tempo em que possui as maiores riquezas do planeta, há séculos a região convive com muita pobreza e miséria. Saber usar os seus recursos é essencial e somente um povo organizado e com uma política soberana poderá fazer a América Latina para a América Latina.

Procuramos no texto desta aula 5 identificar as desigualdades, bem como apontar possíveis causas e caminhos. Para isso, discutimos as políticas públicas existentes e alternativas, elementos também presentes no conjunto de exercícios e atividades propostas a você. Tudo isso sem nos esquecermos de um fator essencial: a melhoria dos conhecimentos relacionados à cultura dos povos latino-americanos de fala espanhola.

Bons estudos!

**EXERCÍCIOS**

1. (UFPE) A história dos países latino-americanos, apesar de distinta, tem muito em comum. Assinale a alternativa que confirma este enunciado:
 - a) O atraso na industrialização tornou essa região dependente dos fornecedores externos de bens de produção, o que conduziu a um crescente endividamento externo.
 - b) A industrialização da América Latina deu-se de forma homogênea, acompanhando as conjunturas de crescimento econômico dos Estados Unidos.
 - c) As migrações internas entre países da América Latina têm contribuído para uma história comum de desenvolvimento tecnológico.
 - d) As guerras de independência na América Latina foram simultâneas contra as metrópoles e, na metade do século XIX, todas as nações haviam se transformado em repúblicas livres da escravidão.
 - e) A economia dos países da América Latina está voltada para o seu próprio mercado interno.

2. (UFRS) O primeiro projeto de implantação global do neoliberalismo na América Latina teve início:
 - a) na Venezuela, após o *impeachment* do presidente Carlos Andrés Peres.
 - b) no Chile, a partir da ditadura de Pinochet.
 - c) no Brasil, com a formulação do Plano Trienal do Governo João Goulart.
 - d) em Cuba, com a ascensão ao poder de Fidel Castro.
 - e) no Peru, após o golpe de Estado que concentrou poderes nas mãos de Fujimori.

3. (UFF – Adaptado) A política norte-americana para a América Latina, no período de 1945 a 1975, pode ser dividida em duas ações distintas. Essas distinções estão relacionadas, de um lado, ao processo da Guerra Fria, e de outro, aos controles econômicos e políticos da região. Assinale a alternativa que indica corretamente as duas fases da política externa norte-americana para a América Latina.
 - a) Até o Golpe de 1964 no Brasil, tinha como principal ação a defesa dos governos caudilhistas, com o propósito de manter os estados latino-americanos rurais; a partir da Revolução Cubana, o ponto forte da política norte-americana foi apoiar os movimentos de guerrilha contra os estados democráticos do continente.
 - b) Até 1958, tinha como base a industrialização dos países subdesenvolvidos com o incremento da produção de produtos terciários; após a vitória política de Allende no Chile, esta política agiu no sentido de apoiar os movimentos de esquerda.

- c) Até a Revolução Cultural Chinesa, era de modernização dos Estados da América do Sul, com apoios concretos aos setores médios urbanos; após a Guerra da Coreia, esta política teve como base o favorecimento dos governos liberais.
- d) Até a Revolução Cubana, esta política promovia o desenvolvimento de regimes liberais; após o fracasso da invasão da Baía dos Porcos, sua ação é de apoio aos setores militares para criação de regimes autoritários e combate ao avanço dos partidos de esquerda.
- e) Até a crise dos mísseis, tinha como eixo a defesa dos governos autoritários de base rural; após o colapso político da União Soviética, a política norte-americana definiu-se como de luta pelo mundo livre.



RODA DE LEITURA

Como vimos, no Brasil e na América Latina, predomina a injustiça tributária. Quer dizer, alguns milionários quase não pagam imposto, ao mesmo tempo em que uma grande maioria arca com a maior parte dos encargos cobrados pelos governos. E, como sabemos, são esses os recursos utilizados pelo Estado para suprir as demandas públicas: saúde, transporte, educação etc. Essa realidade contribui para elevar ainda mais a desigualdade social e a concentração de renda, já altamente desequilibrados. O texto a seguir (com dados referentes a 2013) detalha com números a situação em nosso país – situação que, repetimos, pode ser estendida ao nosso continente.

Que os super-ricos paguem a conta ou como tirar a classe média da influência da direita

Faz alguns anos, a Receita Federal divulga os grandes números das declarações de renda. Neste ano, divulgou dados que nunca divulgara. E com isso ficamos sabendo, número por número, coisas estarrecedoras que só podíamos deduzir, observando o comportamento de nossos ricos. Veja alguns destaques:

Quantas pessoas físicas fazem declaração?

Quase 27 milhões.

Qual é o “andar de baixo”?

Os 13,5 milhões que ganham até 5 salários mínimos. Se deixassem de pagar IR, a perda seria de mais ou menos 1% do total arrecadado pela receita. Só. E gastariam esse dinheiro, provavelmente, em alimento, roupa, escola, algum “luxo popular”.

Quais são os andares de cima?

São três andares:

1. Os que ganham entre 20 e 40 salários mínimos. Correspondem a mais ou menos 1% da população economicamente ativa. Podem ter algum luxo, pelos padrões brasileiros. Mas pagam bastante imposto.
2. Tem um andar mais alto. Os que ganham entre 40 e 160 SM representam mais ou menos 0,5% da população ativa. Já sobra algum para comprar deputados (ou juízes).
3. E tem um andar “de cobertura”, o andar da diretoria, da chefia. A nata. A faixa dos que estão acima dos 160 SM por mês. São 71 440 pessoas, que absorveram R\$ 298 bilhões em 2013, o que correspondia a 14% da renda total das declarações. A renda anual média individual desse grupo foi de mais de R\$ 4 milhões. Eles representam apenas 0,05% da população economicamente ativa e 0,3% dos declarantes do imposto de renda. Esse estrato possui um patrimônio de R\$ 1,2 trilhão, 22,7% de toda a riqueza declarada por todos os contribuintes em bens e ativos financeiros. Pode estar certo de que são estes que decidem quem deve ter campanha financiada. Podem comprar candidatos e, também, claro, sentenças de juízes.

Quem sustenta o circo? Quem mais paga IR?

A faixa que mais paga é a do declarante com renda entre 20 e 40 salários mínimos, que se pode chamar de classe média ou classe média alta.

Quem escapa do leão?

O topo da pirâmide, o grupo que tem renda mensal superior a 160 salários mínimos (R\$ 126 mil). As classes média e média alta pagam mais IR do que os verdadeiramente ricos.

Em 2013, desses 72 mil super-ricos brasileiros, 52 mil receberam lucros e dividendos – rendimentos isentos. Dois terços do que eles ganham sequer é taxado. São vacinados contra imposto. Tudo na lei, acredite. A maior parte do rendimento desses ricos é classificada como não tributado ou com tributação exclusiva, isto é, tributado apenas com o percentual da fonte, como os rendimentos de aplicações financeiras.

Em 2013, do total de rendimentos desses ricos, apenas 35% foram tributados pelo imposto de renda pessoa física. Na faixa dos que recebem de 3 a 5 salários, por exemplo, mais de 90% da renda foi alvo

de pagamento de imposto. Em resumo: a lei decidiu que salário do trabalhador paga imposto, lucro do bilionário não paga.

MORAES, Reginaldo.

Que os super-ricos paguem a conta ou como tirar a classe média da influência da direita.

Disponível em: brasildebate.com.br.
Acesso em: out. 2015.

Após atenta leitura, o que você acredita que deve ser feito para mudar esse quadro? O que governos, legislativos e sistema judiciário como um todo, sindicatos, partidos e movimentos sociais podem fazer nesse sentido? Qual tem sido o papel da mídia nessa questão? Estabeleça as relações entre concentração de renda, imposto e políticas públicas.

NAVEGAR

:: Livros

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina.* São Paulo: L&PM, 2010.

Publicado em 1971, e proibido em vários países durante as últimas ditaduras militares, o livro analisa a história da América Latina do ponto de vista econômico e político. Destaca a relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento: este último é o caminho para o desenvolvimento ou simplesmente o produto necessário do desenvolvimento de outras regiões?



EDITORA L&PM

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel.

Cem anos de solidão. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. Nobel da Literatura em 1982, García Márquez – o Gabo – faleceu em 2014 e deixou uma vasta e genial produção em mais de 30 idiomas. *Cem anos de solidão* é o mais famoso, e estima-se que tenha vendido aproximadamente 50 milhões de

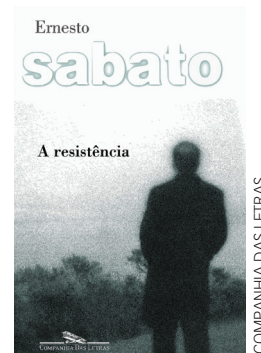


RECORD

exemplares. Só ficando atrás de *Dom Quixote de la Mancha*, em 2007 foi considerada a segunda melhor obra literária no idioma espanhol. Um dos maiores exemplos do realismo fantástico, conta a história das gerações da família Buendía na imaginária Macondo.

SABATO, Ernesto. *A resistência.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Junto com Jorge Luis Borges, é um dos mais renomados escritores da Argentina e do continente. O livro é formado por um conjunto de cartas ao leitor onde o autor relaciona a desumanização e temas modernos: internet, televisão, afeto, imaginação e liberdade.



COMPANHIA DAS LETRAS

:: Sites

Nessa aula, debatemos sobre o desenvolvimento econômico e sua relação com a qualidade de vida da sociedade.

Global Rich List. Disponível em: globalrichlist.com. Acesso em: 22 dez. 2015.

Mantido pela *Care International*,¹³ oferece uma ferramenta muito interessante para termos uma ideia precisa da concentração de riqueza no mundo. Basta informar sua renda líquida anual e o *site* informa qual sua posição no acesso global à renda. Por exemplo, um brasileiro que tenha uma renda mensal de dois salários mínimos está entre os 20% mais “ricos” do planeta. Confira sua posição!

Nodal

Disponível em: nodal.am. Acesso em: 22 dez. 2015. Excelente *site* de notícias e análises, em língua espanhola, sobre América Latina e Caribe. Além de muito bem organizado e de ótima navegação, supre com qualidade os dramáticos equívocos e ausências da cobertura brasileira relacionada ao continente.

SurySur

Disponível em: suryur.net. Acesso em: 22 dez. 2015. *Site* dedicado à análise de vários aspectos da América Latina: política, economia, cultura, meio ambiente, sociedade,

¹³ Organização não governamental presente em 90 países, cujo objetivo é acabar com a pobreza.

ciência e tecnologia, entre outros. Examina também a relação do continente com outras regiões mundiais.

Cecies

Disponível em: cecies.org. Acesso em: 22 dez. 2015.
O Centro de Ciência, Educação e Sociedade é uma associação civil cujo objetivo é o desenvolvimento de estudos e pesquisas referentes aos países da América Latina. Diferentemente dos *sites* anteriormente indicados, este não possui um caráter jornalístico, pois suas produções são mais densas e detalhadas. Ideal para quem deseja se aprofundar em questões filosóficas, políticas e demais temas em nível acadêmico.

Celag

Disponível em: celag.org. Acesso em: 22 dez. 2015.
Centro Estratégico Latino Americano de Geopolítica: opinião, conjuntura, atualidades, publicações específicas etc. Criado em 2014, está vinculado à Escola de Relações Internacionais José Peralta, do Instituto de Altos Estudos Nacionais (Iaen) do Equador. A maior parte de seus integrantes provém do meio acadêmico, mas as pesquisas realizadas e divulgadas são apropriadas ao público em geral.

:: Filmes

Entrevista com Ernesto Sabato

Disponível em: [youtube.com/watch?v=EhQalhY156I](https://www.youtube.com/watch?v=EhQalhY156I). Acesso em: 22 dez. 2015.

Enriquecedora e de grande profundidade a entrevista com Ernesto Sabato no programa Roda Viva da TV Cultura de 1994. Nela, pode-se conhecer não só mais da história da Argentina e da América Latina, mas também, e talvez principalmente, refletir sobre as grandes questões: qual o sentido de nossa existência, o progresso da ciência e o sentimento humano, o futuro, entre várias outras.

35 músicos que despertaram o sentimento latino-americano nos brasileiros

Disponível em: <http://goo.gl/yO8kbd>. Acesso em: 22 dez. 2015.
Excelente síntese realizada pelo jornalista e economista brasileiro Luis Nassif sobre alguns dos principais representantes da música latino-americana espanhola. Vale a pena ver e ouvir o excelente desempenho de alguns dos mais significativos artistas de nosso continente, como Mercedes Sosa, da Argentina, Pablo Milanés, de Cuba, e Violeta Parra, do Chile.



ÁGORA

Até não atuarmos como continente, seremos irrelevantes. A integração regional é uma obrigatoriedade do século XXI ou a globalização passará por cima de nossas cabeças sem que a gente se dê conta.

GARCÍA LINERA, Álvaro.

Vice-presidente da Bolívia.

Aproximadamente nos últimos 30 anos, em qual década houve um esforço maior para a integração latino-americana? Aliás, ela é importante? Por quê? As atuais entidades regionais do continente (Mercosul, Unasul, entre outras) podem contribuir para a integração? Comparando-se, por exemplo, com a União Europeia, em que nível está nosso continente em termos de integração? É verdadeira a afirmação do vice-presidente da Bolívia? Enfim, propomos aqui uma reflexão sobre a integração da América Latina.



Nas aulas 5, 6 e 7 veremos mais detalhes da contradição discutida nesta aula 4: apesar de a América Latina ainda ser uma região extremamente pobre, nos últimos anos, ocorreram avanços significativos. A grande questão é: Conseguiremos estender os progressos obtidos ou perderemos as conquistas alcançadas? Qual é sua opinião?



JOAQUÍN TORRES GARCÍA, MAPA INVERTIDO DA AMÉRICA DO SUL, 1943.



Amo a liberdade da América mais do que a minha própria glória, e para consegui-la não tenho economizado sacrifícios.

Simón Bolívar

Bolivarianismo e o discurso de outras lógicas: Bolívia, Equador, Venezuela, Argentina e Uruguai

As lógicas históricas da geopolítica latino-americana

Principalmente ao longo dos anos 1960 a 1980, mas desde os anos 1930, vários países da América Latina sofreram com brutais ditaduras de origem civil e militar. Também é importante destacar que, desde o chamado “descobrimento” do continente no final do século XV, nossa história está permeada por golpes, ditaduras e intervenções. Entretanto, nosso objetivo é destacar os acontecimentos com impacto direto na geopolítica atual da região, o que se pode ver no quadro a seguir.

Ditaduras militares na América Latina durante o século XX

País	Período	Presidente deposto	Ditador empossado
Nicarágua	1933-1979	O país já estava sob intervenção direta dos EUA desde 1855	Anastasio Somoza
Cuba	1952-1959	Carlos Prío Socarrás	Sargento Fulgencio Batista
Colômbia	1953-1957	Laureano Gómez	General Gustavo Rojas Pinilla
Guatemala	1954-1996	Jacobo Arbenz	Coronel Carlos Castillo Armas
Paraguai	1954-1989	Frederico Chávez	Alfredo Stroessner
Honduras	1963-1974	Ramón Villeda Morales	Osvaldo López Arellano
Brasil	1964-1985	João Goulart	Castelo Branco
Panamá	1968-1989	Arnulfo Arias Madrid	Major Boris Martínez e Major Omar Torrijos Herrera (assume presidência em 1969)
Peru	1968-1980	Fernando Belaunde Terry	General Juan Velasco Alvarado
Bolívia	1971-1982	General Juan José Torres	Coronel Hugo Banzer
Equador	1972-1979	General José María Velasco Ibarra	General Guillermo Rodríguez Lara
Chile	1973-1990	Salvador Allende	General Augusto Pinochet
Uruguai	1973-1985	Jorge Pacheco Areco	Juan María Bordaberry
Argentina	1966-1973	Arturo Umberto Illica	Juan Carlos Onganía
	1976-1983	María Martínez de Perón	Jorge Rafael Videla
Suriname	1980-1988	Henck Arron	Sargento Desi Bouterse

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gerações viveram em sociedades autoritárias e somente após milhares de assassinatos (somente na Argentina foram 30 mil desaparecidos), vidas destruídas, famílias e carreiras arruinadas, iniciou-se um processo de transição à democracia. É ainda uma história que está sendo contada e que influenciou e influencia de maneira determinante a política e a economia da América Latina. Vários países estão revendo o período ditatorial, inclusive o Brasil, para reescrever o que se passou, para rever leis como as que concedem anistia, entre outras situações. Uma das maiores polêmicas refere-se justamente à anistia. Somente os perseguidos políticos devem ser anistiados, ou os militares também merecem tal benefício? A tendência tem sido rever as leis de anistia, revogando o perdão a agentes do Estado que cometeram crimes durante a ditadura.

Esse foi o caso da Argentina, que chegou a condenar vários oficiais militares de alta patente, entre eles três ex-presidentes: Leopoldo Galtieri, Rafael Videla e Reynaldo Bignone – os dois últimos, à prisão perpétua. No mesmo movimento estão países como Chile, Uruguai, Paraguai e Peru. O Brasil, na contramão de seus vizinhos, tem optado por manter a Lei da Anistia promulgada em 1979 pelo último presidente ditador, o General João Baptista Figueiredo.

:: Relação entre as ditaduras latino-americanas e os Estados Unidos

Muitos desses golpes de Estado tiveram apoio direto do governo dos Estados Unidos, especialmente por meio de sua Central de Inteligência, a CIA. Essa organização apoiou os golpes oferecendo recursos financeiros, logística, serviços de informação, espionagem, treinamento etc., ao menos, nos seguintes países: Guatemala, Cuba, Brasil, Chile, Argentina e Nicarágua. Mais claramente: os Estados Unidos têm uma presença direta (além das participações indiretas e das que ainda não são conhecidas), permanente e de caráter imperialista na América Latina desde a segunda metade do século XIX, e que se consolidou durante o século XX. Os motivos são os mesmos que levam esse país a agir, ou tentar agir, de maneira semelhante em todo o mundo: interesse econômico e dominação político-ideológica.

Os presidentes rebeldes: Bolívia

“Agora os gringos não mandam, mandam os índios.” Com essa frase, Evo Morales, o presidente boliviano (que assumiu o mandato em 2006) pautou não só a

política externa, mas também toda a estratégia nacional. A Bolívia, junto com o Peru e o Equador, são nações com predomínio de etnias indígenas (65%, 72% e 80%, respectivamente), mas sempre governadas por minorias hispânicas. Em termos gerais, seu projeto de governo tem sido caracterizado pela equidade social e nacionalização das abundantes riquezas naturais, canalizando-as para o desenvolvimento socioeconômico do país. Mesmo havendo ainda muito o que fazer (25,4% da população em 2014, de acordo com a ONU, ainda se encontrava na faixa da extrema pobreza), progressos significativos foram alcançados, ao ponto de a gestão de Morales ter sido elogiada por relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2014.

:: Marcas governamentais de Evo Morales: tentativa de um capitalismo para todos

Em 2005, o PIB da Bolívia era de US\$ 9,525 bilhões, e em 2014 saltou para US\$ 34,176 bilhões (entre 2005 e 2014, cresceu em média 5,1%, e 2014 fechou com 5,4% de crescimento); em 2005 as reservas internacionais em dólar do país eram de US\$ 1,714 bilhão, e em 2013, US\$ 14,430 bilhões (47% do PIB – de longe, a porcentagem mais alta da América Latina.). A pobreza caiu de 39% do total da população em 2005 para 18% em 2013; os 10% mais ricos em 2005 tinham 128 vezes mais renda que os 10% mais pobres, mas em 2013 essa diferença caiu para 42 vezes (o que ainda é muito alto). De 2006 até 2015, o salário mínimo teve ganhos reais de 227%; entre 2000 e 2012 a classe média aumentou 15,7% (ONU, Pnud); no mesmo período, a pobreza diminuiu 32,2%, a maior queda da América Latina. A dívida pública em relação ao PIB caiu de 80% para 32,56% (2013), o desemprego se encontrava entre 1,5% e 2% em 2014 (o menor da América Latina nesse ano, segundo informou o vice-presidente Álvaro García Linera), e mais de um milhão de bolivianos (10% da população) saíram da pobreza.

Não se trata, por certo, de uma mudança do sistema, no entanto, é clara a tentativa de se reformar o capitalismo no país, tornando-o socioeconomicamente mais democrático. Em outras palavras: acessível à maior parte possível da população e não somente à elite, que continua bastante rica, sem ter o que reclamar. Hoje se tem na Bolívia um país muito mais estável social e politicamente, o que produz um ambiente propício aos negócios e investimentos. Essa conclusão pode servir de modelo

para vários países de governos progressistas na América Latina: o que se tem feito desde o início do século XXI é a construção de um capitalismo menos selvagem, próximo, guardando-se as devidas proporções e diferenças históricas, do chamado **Estado de Bem-Estar Social** da Europa Ocidental.

Os dados citados da Bolívia são expressivos para um país que parecia já ter se acostumado a ser um dos últimos em termos de qualidade de vida no continente, mesmo sendo possuidor de imensas riquezas naturais. Essa situação tem mudado, o que explica a reeleição de Evo Morales para o terceiro mandato (2014) com 60% dos votos, contra 25% de Samuel Medina, o segundo lugar.

:: Sem analfabetismo

Iniciado em 1º de março de 2006, o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) atingiu em 20 de dezembro de 2008 sua meta, e a Bolívia foi declarada o terceiro país da América Latina a erradicar o analfabetismo (99,5%), de acordo com padrões da Organização das Nações Unidas (que considera erradicado o analfabetismo quando somente 3,9% a 4% de sua população é analfabeta). O primeiro país a atingir esse feito foi Cuba em 1961, e o segundo, a Venezuela em 2005. Além da extrema dedicação de milhares de profissionais voluntários, o custo dessa façanha foi de apenas US\$ 36,7 milhões. Nesse mesmo ano, 2008, o mundo gastou US\$ 1,460 trilhão com armas (Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo – Sipri, na sigla em inglês) – ou seja, o gasto com o programa de erradicação do analfabetismo utilizou o equivalente a 13 minutos de gastos militares, se utilizássemos o tempo de um ano como parâmetro!

:: Os hidrocarbonetos

A Bolívia possui a segunda maior reserva de gás natural da América (estimada em 48,7 trilhões de metros cúbicos, superada somente pela Venezuela, que tem o triplo desse valor), além de vastas quantidades de petróleo (40 mil barris dia – 2006). Também é dona de uma das maiores reservas de lítio do mundo, matéria-prima usada para a produção de baterias, *notebooks*, celulares e vários outros tipos de aparelhos eletrônicos de última geração, e atualmente considerado o “ouro branco”. Também possuía reservas abundantes de prata,

cobre e estanho, apropriadas pelos espanhóis ao longo da colonização. Possui igualmente vastas quantidades de estanho, potássio, manganês, tungstênio, antimônio, zinco, ferro, ouro e outras pedras preciosas como a bolivianita (ametista com citrino âmbar), *ayoreita*, *anahita*, *milenium* etc. Toda essa riqueza natural não tem sido usufruída por seu povo. Pelo contrário, conforme vimos, apesar dos avanços sociais nos últimos anos, ainda 26% da população, de acordo com o FMI, vivia na faixa da pobreza extrema (2009). O povo boliviano continua sendo o mais pobre da América do Sul.

Em 2006, pela terceira vez, os recursos naturais foram nacionalizados (as outras nacionalizações ocorreram em 1937 e 1969). Essa medida, além da importância econômica e social, também tem forte impacto geopolítico. O mundo, devido ao aumento da população e às crescentes demandas tecnológicas, necessita prementemente de fontes energéticas. Portanto, atribui-se enorme poder (geo)político às nações controladoras de tais recursos. A nacionalização realizada por Evo Morales não significou expropriação das empresas multinacionais que exploram a atividade no país, mas sim a adoção de uma ampla revisão da relação entre as empresas do setor e o governo federal. Os principais aspectos da medida são: a) o Estado passa a ter a propriedade, posse e controle dos recursos hidrocarboníferos (basicamente gás e petróleo); b) as empresas estrangeiras que operam no país (Petrobras do Brasil, Repsol YPF da Espanha e Argentina, British Gas e British Petroleum do Reino Unido, Total da França, Dong Wong da Coreia do Sul e Canadian Energy do Canadá) passam a ser obrigadas a entregar toda a produção à YPFB (Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos, estatal petrolífera da Bolívia); c) A YPFB assume a comercialização, incluindo exportação, dos hidrocarbonetos definindo preços e volumes; d) o imposto sobre a exploração do gás vai de 50% para 82%; e) caso as empresas estrangeiras não concordem, devem cancelar suas operações na Bolívia. No momento do anúncio das novas normas, as refinarias das empresas estrangeiras foram ocupadas pelo exército.

Por certo a medida contrariou fortes interesses de empresas transnacionais e governos centrais, como os Estados Unidos, o maior consumidor de energia do planeta. O impacto geopolítico foi ainda maior na medida em que outros setores também foram nacionalizados: mineração, eletricidade, telecomunicações, cimento e recursos ambientais.

:: Impactos para a geopolítica

A forte aliança com os principais desafetos dos Estados Unidos na América Latina e Caribe (Cuba e Venezuela), somada às medidas econômicas do governo da Bolívia, levaram a uma profunda deterioração nas relações diplomáticas entre os dois países. Um dos pontos mais críticos ocorreu em 2008, quando a Bolívia expulsou o embaixador dos Estados Unidos, Philip Goldberg, acusado de apoiar uma conspiração contra o governo junto à oposição (na época os Estados Unidos eram presididos por George W. Bush). Em resposta, o embaixador boliviano, Pablo Guzmán, foi expulso e as tarifas preferenciais foram retiradas. Agravando ainda mais a situação, ainda em 2008 Evo Morales expulsou do território nacional a Agência Antidrogas dos Estados Unidos, a DEA, e em 2013 a Agência para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), ambas também acusadas de conspiração política.

Por outro lado, como já indicado, a Bolívia fortalece o grupo de países progressistas (ou de esquerda) na América Latina. Além das intensas parcerias já mencionadas com Cuba e Venezuela, desenvolve firme integração com países da América do Sul, destacando-se Uruguai, Argentina e Brasil.

:: Integração regional

Nos espaços utilizados para a integração latino-americana e da América do Sul, a Bolívia tem se constituído como protagonista por meio de uma política externa ativa. Em julho de 2015, os estados-membros do Mercosul, nos momentos que antecederam sua 48ª cúpula, assinaram protocolo de adesão da Bolívia como membro pleno. Também, desde 2008, faz parte da União das Nações Sul-Americanas (Unasul) junto a Brasil, Argentina, Chile, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela, e da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) junto a outros 32 países.

Segundo o já referido vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, é uma exigência a América Latina se organizar em bloco no século XXI para se fortalecer na geopolítica mundial, marcada por países continentais e estruturas poderosas: Estados Unidos, Europa, China e Rússia. Nossa região, riquíssima em recursos naturais, incluindo as maiores reservas de água doce e com uma população jovem e bem informada, pode fazer a diferença se atuar em conjunto. Caso contrário, ainda de acordo com o líder boliviano, se tornará irrelevante em um planeta cada vez mais globalizado.

Os presidentes rebeldes: Equador e a Revolução Cidadã

Dos presidentes existentes na primeira década e meia do século XXI na América Latina (ver mapa na página 3), o Equador forma com Venezuela, Bolívia, Nicarágua e Cuba (talvez possamos incluir nessa lista alguns outros países como El Salvador) um grupo que proclama de maneira direta e clara a luta pela conquista de uma sociedade socialista. O Equador, nas palavras de seu presidente Rafael Correa em discurso de posse no ano de 2007, afirma “empreender a luta por uma ‘Revolução Cidadã’, consistindo em uma mudança radical, profunda e rápida do sistema político, econômico e social vigente”. Ainda, criticou a “globalização neoliberal” e o “capitalismo selvagem”, dizendo também que buscava uma “revolução nas políticas sociais”. Estando ou não cumprindo sua promessa, da mesma maneira que os países que lhe acompanham, o referido conjunto de nações instituiu uma nova lógica latino-americana, o que muitos estudiosos chamam de uma “guinada à esquerda”. Quer dizer, as décadas de 1960 a 1980, no continente, foram marcadas por ditaduras militares; os anos 1990, por governos (neo)liberais; e na sequência, como indicado, por propostas progressistas e/ou de esquerda. Essa é uma constatação fundamental para entender tanto a geopolítica atual do continente quanto a política particular dos Estados que dele fazem parte.

:: Revolução Cidadã

Segundo o FMI e o Banco Mundial, o PIB do Equador em 1960 era de US\$ 1,01 bilhão. Em 2007, de acordo com a Cepal, estava em US\$ 51,01 bilhões, e, em 2014, quase dobrou, atingindo US\$ 100,54 bilhões. Ou seja, em oito anos cresceu o mesmo que em cinco décadas. A taxa média anual da elevação do PIB do Equador, entre 2007 e 2012, foi de 4,3%, ficando acima da média da América Latina (o índice mais alto foi o de 2011: 7,9%). O desemprego é também um dos mais baixos, atingindo 4,7% em 2013 e 5,1% em 2014. Uma taxa em torno de 5% é considerada, pela maior parte dos economistas, como pleno emprego.

A pobreza extrema caiu de 15,9% em 2007 para 12% em 2013, e a pobreza, de 42,5% para 33,6%. Continuam números muito altos, mas representam queda substancial. Em 2000, a extrema pobreza estava em 31,8%,

e a pobreza, em 61,6%. Os gastos públicos sociais do governo federal, ainda tendo de crescer muito, foram de US\$ 164 *per capita* para US\$ 297 em 2012, uma elevação de quase 100%. O coeficiente de Gini (ver nota de rodapé 8) melhorou de 0,540 para 0,477. É, portanto, inegável a melhoria das condições sociais no Equador.

:: Yachay ou o Silicon Valley equatoriano

O que despertou maior interesse foi o início da criação, em 2014, da “Cidade do Conhecimento” (yachay.gob.ec, acesso em: 22 dez. 2015). Apesar de receber pouca atenção da mídia brasileira, o projeto é ambicioso. Em um prazo de 35 anos e com investimento (2014-2017) de US\$ 1,04 bilhão de dólares, o governo federal equatoriano pretende construir a segunda cidade planejada da América Latina – a primeira foi Brasília. No caso de Yachay, será uma cidade dedicada ao conhecimento, à ciência, à inovação, à pesquisa e à tecnologia. Com isso, pretende-se mudar a base econômica de um país exportador de hidrocarbonetos para uma economia do conhecimento com vistas a desenvolver, com sustentabilidade, a qualidade de vida da população. Em termos gerais, Yachay concentrará os 12 institutos nacionais de pesquisa, um parque industrial (por enquanto há 37 empresas) e quatro áreas de pesquisa. O modelo do projeto segue o padrão sul-coreano: primeiro o Estado investe fortemente na ciência e na tecnologia, para assim estimular a participação da iniciativa privada.

:: Polêmicas

Nem tudo é perfeito. Por exemplo, em 2015 o Equador passou por protestos de sindicalistas (Frente Unitária dos Trabalhadores – FUT) e indígenas (Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador – Conaie), duramente reprimidos pela polícia. A polícia, por outro lado, afirma também ter sofrido com as manifestações violentas de grupos opositores ao governo. Entre os motivos dos protestos estão a emenda constitucional que prevê reeleição indefinida, bem como projetos que previam acabar com a especulação imobiliária e taxar grandes heranças, mas que começavam com valores a partir de US\$ 35 mil, quer dizer, atingia diretamente a classe média. Nesse caso, o governo voltou atrás para

revisar a faixa inicial. O governo também alega que um dos motivos essenciais dos questionamentos políticos foi a fundação de meios de comunicação públicos, o que teria acabado com o privilégio de concentração da mídia privada comercial.

Algumas das lições possíveis do estudo de caso do Equador podem ser aplicadas, de maneira flexível, a vários países da América Latina, inclusive o Brasil. Aproximadamente, nos 15 primeiros anos do século XXI foram obtidas conquistas sociais não atingidas em décadas anteriores. Entretanto, não só a continuidade de tais avanços tem sido observada, pois parte das melhorias passa por ameaças. Assim, novamente devemos perguntar e refletir: Qual o futuro da América Latina? Retroceder ou avançar? Esse é o pano de fundo da geopolítica do continente.



RODRIGO BUENDA/AFP

Indígenas marchando pelo Equador em agosto de 2015.

Wikileaks: por que tão temido e odiado?

Considerado o homem do ano (2010) pelo jornal francês *Le Monde Diplomatique*, Julian Assange obteve asilo político na embaixada equatoriana em Londres em 2012. Em 2006 fundou o Wikileaks, cujo site (wikileaks.org; acesso em: 22 dez. 2015) é usado para a divulgação de milhões de documentos (imagens, textos e vídeos) sobre corrupção, violações dos direitos humanos e crimes de guerra cometidos por empresas transnacionais e governos. Um dos mais denunciados são os Estados Unidos, que tentam processá-lo por fraude e espionagem. A denúncia de ações confidenciais tem causado muita repercussão em todo o mundo, o que levou Assange a ganhar vários prêmios e ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2011. As informações disseminadas são as mais variadas e vão desde eventuais conexões de integrantes

da mídia brasileira com órgãos governamentais dos Estados Unidos; espionagem da Agência Nacional de Segurança dos EUA (NSA) contra a presidenta brasileira Dilma Rousseff, ministros e outros integrantes de primeiro escalão do governo brasileiro; invasão do Iraque; prisão militar de Guantánamo; guerra do Afeganistão; espionagem dos EUA em todo o mundo por meio de suas missões diplomáticas etc. Apesar de acusado de estupro e agressão sexual na Suécia, Assange não foi julgado, e mesmo as denúncias que faz não são crime, inclusive de acordo com a Constituição dos Estados Unidos, seu maior inimigo.

Os presidentes rebeldes: Venezuela e a Revolução Bolivariana

Não é possível compreender a Venezuela e a América Latina do século XXI, concordemos ou não com sua política, sem falar de Hugo Chávez. Eleito três vezes, governou o país de 1999 a 2013, quando faleceu vítima de câncer na região pélvica. O início de seu primeiro mandato presidencial acabou com os 40 anos de governos do Pacto *Punto Fijo*. Desde 1958, após a ditadura de Marcos Pérez Jiménez (1952-1958), revezaram-se somente dois partidos no poder: a Ação Democrática (AD) e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (Copei). Ficaram excluídas as minorias e o Partido Comunista da Venezuela. Além disso, com os fartos recursos provenientes do petróleo, especialmente com a grande escalada internacional no preço do petróleo de 1973-1978, o governo federal subsidiava fortemente os principais atores políticos: partidos, sindicatos, forças armadas e setor privado. Os efeitos foram uma conveniente subserviência. Politicamente, o modelo entrou em crise em 1989, arrastando-se até 1998, quando Hugo Chávez foi eleito com 58% dos votos válidos.

Polêmico e ousado, o fato é que Chávez mudou radicalmente a inserção geopolítica da Venezuela no mundo e particularmente na América Latina. Implementou uma forte política social que resultou, anos depois, em uma grande diminuição da pobreza venezuelana. Segundo relatório da ONU-*Habitat* publicado em 2012, a Venezuela é o país menos desigual da América Latina, e o Brasil, o quarto mais desigual. A tabela a seguir sintetiza suas conquistas sociais.

Área social	Período 1999-2015
Pobreza e desigualdade	<ul style="list-style-type: none"> — Redução em 5,4% da pobreza estrutural, o nível mais baixo da história. — Os salários foram elevados 30 vezes. — O salário mínimo é superior à cesta básica. — Em 2015, foram pagas 300 mil pensões adicionais. — Em 2015, o projeto social Gran Misión Hogares de la Patria incluiu 500 mil famílias que viviam na extrema pobreza.
Acesso à educação	<ul style="list-style-type: none"> — A matrícula na educação infantil cresceu de 43% a 77%; no fundamental I, de 86% a 93%, e no Ensino Médio, de 48% a 76%. — A educação universitária passou de 500 mil estudantes para 2,629 milhões. — 1 759 250 jovens e adultos foram alfabetizados pelo programa Misión Robinson. — Na educação básica, 3,7 milhões de estudantes utilizam computadores.
Acesso à tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> — A telefonia fixa aumentou 177%. — A telefonia móvel aumentou 2 701%. — A internet aumentou 2 142%.
Acesso ao emprego	<ul style="list-style-type: none"> — O desemprego caiu de 15% para 5,5%. — Foram criados mais de 4,626 milhões de empregos. — O trabalho formal aumentou para mais de 60%.

Fonte: Ministério do Planejamento da Venezuela. Dados apresentados à ONU em 2015: 62% da renda nacional é investimento social. Elaborado pelo autor.

A chamada **Revolução Bolivariana** de Hugo Chávez e seu grupo político pretende levar a Venezuela a um modelo próprio de socialismo, o que desagrada aos Estados Unidos, temeroso de uma “nova Cuba” no continente. Em termos práticos, a Venezuela também tenta construir e manter um modelo que, como em outros países latino-americanos, podemos chamar de neodesenvolvimentista (ver nota de rodapé 5 e conteúdo do Caderno 1), com um pouco mais de força do Estado. Entre os exemplos de ação estão não

só o discurso governamental (da busca pelo socialismo), mas em especial as expropriações (quando o governo desapropria uma empresa, indenizando-a) em vários setores: telecomunicações, cimento, terras, edifícios, metalúrgicas, bancos, alimentos, entre outros.



COLEÇÃO PARTICULAR/ARCHIVES CHARMET

Considerado herói em toda a América Latina de fala espanhola, o liberal Simón Bolívar liderou os movimentos de independência de Venezuela, Peru, Colômbia, Equador e Bolívia.

:: A geopolítica do petróleo e a Venezuela

Há, no entanto, desafios crescentes à economia, entre eles, a persistente dependência do petróleo. Segundo dados da *CIA Factbook*, a Venezuela possui a maior reserva do planeta, estimada em 297,7 bilhões de barris, e suas exportações chegam a depender 96% do combustível fóssil, constituindo 40% das receitas do governo e 11% do PIB.

Não coincidentemente, os principais problemas econômicos da América Latina, e por consequência causa de suas centenárias e graves mazelas sociais, são a excessiva dependência de recursos naturais, cujos preços são baixos e determinados pelos mercados internacionais de *commodities*; a alta deficiência educacional-científica; a grande desregulamentação das indústrias transnacionais em territórios locais e, mais recentemente, do capital financeiro.

Para agravar, o preço médio do barril de petróleo, que até 2013 estava em torno de US\$ 100, caiu para algo entre US\$ 40 e US\$ 60. Ou seja, os países cujas economias dependem desse produto amargaram enormes revezes. É o caso da Venezuela. Desde os anos 1970, conforme quadro a seguir, podemos perceber que os valores subiram vertiginosamente, indo o preço do barril de US\$ 1,8 até chegar a US\$ 111,26 em 2011. Certamente as empresas petrolíferas e/ou os países com grandes reservas ganharam muito.

Evolução do preço do barril

Preço, tipo Brent, em US\$/barril (valor nominal)



Fontes: BP, AIE.

Outra observação interessante está no fato de alguns conflitos armados no Oriente Médio serem acompanhados de brutais aumentos no preço do combustível, com destaque para a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, quando o preço do barril disparou de US\$ 28,83 para US\$ 97,26 em cinco anos. Em março de 2012, atingiu US\$ 124,93. Depois disso, com leves alternâncias, atingiu US\$ 111,87 em junho de 2014 e daí despencou até, por exemplo, US\$ 48,12 em outubro de 2015.¹ Os impactos políticos e socioeconômicos têm sido intensos: aumento da inflação (68,5% em 2014 e com tendência de elevação), forte crise de abastecimento (28% no início de 2014, de acordo com o Banco Central) e insatisfação popular refletida, por exemplo, nas eleições legislativas de 2015, quando o partido governista, pela primeira vez em 17 anos, perdeu a maioria.

:: El diablo

Foi com essas palavras que o então presidente venezuelano Hugo Chávez chamou o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, durante discurso na 61ª Assembleia Geral da ONU em 2006. afirmou ainda que o lugar estava cheirando enxofre com a passagem do líder estadunidense. Desde Chávez, empossado pela primeira vez em 1999, passando por Nicolás Maduro, as relações entre os dois países têm se deteriorado permanentemente, com declarações e represálias de ambas as partes. Barack Obama afirmou em 2015 que a Venezuela é uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos; também no ano de 2015 Obama impôs sanções econômicas à Venezuela,

¹ Fontes: Administração de Informação de Energia do governo dos Estados Unidos (EIA, na sigla em inglês) e Banco Mundial.

que respondeu com exercícios militares defensivos em seu território, realizados por mais de 100 mil soldados; em 2010, os dois países mutuamente retiraram seus embaixadores – enfim, a lista de desentendimentos não é pequena. De qualquer maneira, o fato mais interessante é que nem a Venezuela deixa de vender seu abundante petróleo aos sedentos Estados Unidos (15% é de origem da República Bolivariana, dados de 2004) e nem este pretende deixar de comprá-lo, mesmo que seja de país integrante, junto a Cuba, do “eixo do mal”, conforme classificou a Casa Branca. Em suma: os Estados Unidos tentam manter sua hegemonia geopolítica no continente e a Venezuela tenta desenvolver alguma soberania. E o petróleo é o motivo dessa disputa.

Os presidentes rebeldes: Argentina

Junto com o Brasil e o México, a Argentina forma o maior grupo de grandes economias e populações de origem latina do continente americano. Por isso, suas estratégias impactam substancialmente em toda a região, ajudando-nos a entender por onde seguirá nossa geopolítica.

:: Ley de Medios

No mundo, em geral, as grandes mídias ou mídias tradicionais normalmente são controladas por pequenos grupos. Em alguns países mais e em outros menos, mas a regra tem sido a concentração.

A América Latina, infelizmente, sofre com a extrema concentração dos meios de comunicação nas mãos de pouquíssimas famílias – e, como era de se esperar, famílias não abertas à participação ativa da sociedade na produção do que é veiculado. O resultado é a difusão de opiniões, visões e ideias pertencentes somente a uma parte muito restrita da população. Isso enfraquece o respeito à diversidade cultural, estimulando o preconceito pelo que é diferente. Essa é a efetivamente uma forma de censura: poucos falam e muitos somente ouvem. Onde estaria a liberdade de expressão? No Brasil, segundo Julian Assange, fundador do Wikileaks, apenas seis famílias controlam 70% da informação: Abravanel (SBT), Civita (Abril), Frias (Folha de São Paulo), Marinho (Globo), Mesquita (jornal *Estado de São Paulo*) e Saad (Bandeirantes). Ainda de acordo com Assange, na Suécia, 60% da imprensa é controlada por uma editora; na Austrália, 60% da imprensa escrita é controlada por Rupert Murdoch; e por aí vai...

A Argentina segue esse padrão. Lá o grupo de mídia mais poderoso é o *Clarín*. Entretanto, a realidade aos poucos começa a mudar no país. Mesmo sendo cumprida lentamente e com forte resistência, em 2009 foi aprovada a *Ley de Medios* ou, em português, Lei de Meios (Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual, que regula os meios de comunicação). A nova norma legal impactou frontalmente o referido Grupo *Clarín*. Por exemplo, tal conglomerado possui 237 licenças de TV por assinatura, mas a nova lei limita esse montante a 24; presta também esse tipo de serviço a 58% da população, sendo que terá de reduzir para 35%. A iniciativa é elogiada, como modelo para a América Latina, pela Organização das Nações Unidas. A produção e a difusão do pensamento e da informação são essenciais para a ação política e, também, para a geopolítica. Uma concepção democrática de sociedade, em seus aspectos culturais e econômicos, não se obtém sob um sistema autoritário das comunicações.

:: Filhos da ditadura

Outro fator comum da Argentina com vários países da América Latina, incluindo-se o Brasil, foi o sofrimento vivido durante a ditadura militar. Em 24 de março de 1976 uma junta militar derrubou o governo de Isabelita Perón, esposa e sucessora do falecido Juan Domingo Perón. Reservando-se as devidas diferenças, Perón está para a Argentina como Getúlio Vargas está para o Brasil. O ex-presidente argentino deixou marcas profundas no país até hoje, seja no que realizou ou nos grupos que continuam defendendo ideais por ele praticados. *Grosso modo*, o peronismo pode ser caracterizado pelo nacionalismo econômico, assistencialismo social e estabelecimento de direitos trabalhistas.

A última ditadura argentina durou até 1983. Nesses sete anos, foram comuns sequestros, prisões, torturas, mortes, censura e intervenções do governo militar em movimentos sociais e sindicatos, e considera-se a existência de 30 mil desaparecidos políticos. Com base nos dados da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, sabe-se que 51% dos desaparecidos eram operários ou estudantes. Os centros de torturas, ou “laboratórios do horror”, como ficaram conhecidos, eram mais de 340 espalhados em todo o território nacional, funcionando em dependências governamentais e não governamentais. Entre as formas mais devastadoras de tortura estavam os “voos da morte”: opositores do regime eram dopados e, das aeronaves das forças armadas, arremessados vivos ao mar. Outra prática hedionda da ditadura argentina era

a apropriação de crianças, filhos das pessoas presas pelo regime. Sobre esse tema, vale a pena a reprodução de trecho do artigo de Max Altman:²

Sobre esse plano, confessou o suboficial da Marinha, Pedro Muñoz: “a ditadura queria apenas os bebês brancos e recém-nascidos. Os de pele escura e já grandes eram mortos”. A conduta era pautada em conformidade com a idade: crianças com até 4 anos deveriam ser entregues a orfanatos ou família de militares. As mais velhas deveriam ser mortas, pois já estariam “contaminadas” pela subversão de seus pais. As Avós da Praça de Maio estimam que, aproximadamente, 500 crianças estejam desaparecidas e/ou foram apropriadas pelos militares.

As Avós da Praça de Maio são uma associação civil, cujo objetivo é localizar as crianças desaparecidas durante a ditadura. Um dos casos que ganhou mais notoriedade foi do neto da presidente da entidade, Estela de Carlotto, identificado em 2014. Após 37 anos de busca, foi localizado Guido Montoya, filho de Laura Carlotto, então estudante de História, que foi sequestrada em 1977 e mantida em centro clandestino até dar à luz.

Em tempo: dois ex-presidentes militares da ditadura de 1976-1983 foram presos: Jorge Rafael Videla (falecido em 2013 na prisão) e Reynaldo Bignone. Quinze militares da reserva e civis receberam sentença, em 2014, de prisão perpétua. O mesmo tribunal condenou um fuzileiro naval e mais três civis a penas de 12 a 13 anos. De acordo com a organização *Human Rights Watch*, até setembro de 2013, 416 militares e civis argentinos haviam sido sentenciados.

Fundos abutres

Debatemos na Apostila 1 vários enfoques da globalização, entre eles o econômico, e ao fazê-lo identificamos o capital financeiro como uma característica fundante do capitalismo vigente. Os chamados **fundos abutres** constituem um dos exemplos ou indicativos dessa particularidade. Semelhantes aos urubus, os abutres são aves que se nutrem de carniça. Agressivas e competitivas ao se alimentar, as mais famintas acabam dominando. O termo abutre expressa corretamente o *modus operandi* de determinados fundos especulativos. São empresas ou capitais que compram títulos da dívida pública, não pagos, a um preço muito baixo, com o objetivo de lucrar muito no médio e longo prazos. Para garantir o

pagamento, os donos de tais títulos se valem de expedientes judiciais, frequentemente processando países, mesmo que sejam territórios miseráveis, e levando nações, com suas respectivas populações, à ruína social. De acordo com o Banco Africano de Desenvolvimento, até 2015 ao menos 20 países pobres sofreram ações legais desse tipo. Até 2007, os proprietários dos fundos abutres ganharam 25 causas no continente africano e com isso embolsaram US\$ 1 bilhão. Conforme o Fundo Monetário Internacional, há casos em que as reivindicações judiciais chegaram a reclamar o equivalente a 12% do PIB do país.

A Argentina também foi alvo da voracidade de fundos abutres: em 2014, a suprema corte estadunidense determinou que o país pagasse os valores reivindicados por tais fundos. Os lucros seriam em torno de 1 600%, pois os títulos foram vendidos a US\$ 48 milhões e a condenação determinou o pagamento de US\$ 832 milhões. Esse é um exemplo claro do que brevemente refletimos na já mencionada Apostila 1: o capital financeiro, no atual estágio de desenvolvimento da globalização, circula planetariamente de maneira livre e se sobrepõe às nacionalidades e aos Estados. Estes, limitados em seus respectivos territórios e a suas próprias leis, de natureza e abrangência nacionais, podem fazer cada vez menos. Conclusão: os povos aumentam sua subordinação ao cassino financeiro global.

Há uma gigantesca massa de recursos puramente financeiros,³ sem nenhum lastro com a realidade (fictícios), em versão eletrônica e circulando instantaneamente de um lado para outro do mundo, sempre à espreita de oportunidades vantajosas, mesmo que isso signifique a destruição de nações. Não custa perguntar: os capitais financeiros existem como instrumentos de intermediação para facilitar a vida da sociedade, isto é, são meios, ou acabaram se transformando em ferramentas com um fim em si próprio? Se isso é verdade, não houve desvio de função? O capital financeiro não serve, por exemplo, para financiar indústrias, empreendimentos agropecuários, escolas, hospitais, casas etc. e, assim, melhorar a qualidade de vida da sociedade? Esse papel está sendo cumprido? Notemos: para entender a geopolítica mundial, é essencial a conexão com a atuação e abrangência do capital financeiro globalizado.

:: A era Kirchner e o futuro

O casal Kirchner (Néstor e Cristina) governou a Argentina entre 2003 e 2015. Cristina Kirchner (2007-2015), apesar das

² Hoje na história: golpe militar instaura ditadura na Argentina. Disponível em: goo.gl/ndTlIh. Acesso em: 24 out. 2015.

³ Novamente recordemos a informação dada na Apostila 1 (aulas 1 e 2, “Globalizações”): em 2007, o PIB global era de US\$ 54,5 trilhões e a quantia de valores financeiros correspondia a US\$ 596 trilhões.

conquistas, enfrentou quatro greves gerais em seu governo. Em geral, as reivindicações se voltaram contra impostos sobre os salários, precarização nas condições de trabalho, aumentos para aposentados e combate à inflação.

O caso argentino, junto ao de outros países da América Latina, aponta para uma encruzilhada: seguir ampliando e intensificando, verdadeiramente, conquistas sociais à população, ou perdê-las? Esse caminho dependerá fundamentalmente da política econômica adotada.⁴ Na Argentina, segundo o cientista político e sociólogo Atilio Borón, a experiência kirchnerista apresenta um legado contraditório, como se observa no quadro a seguir:

Avanços	Retrocessos
renda básica paga segundo número de filhos	concentração empresarial
extensão do regime de aposentaria	regressão tributária (o que significa menos impostos para políticas sociais)
desenvolvimento científico e tecnológico (Arsat I e II – satélites argentinos)	substituição dos cultivos tradicionais pelo plantio de soja na agricultura
orientação latinoamericanista da política externa	“estrangeirização” da economia

Além disso, há os progressos discutidos anteriormente (regulação da mídia, julgamento dos crimes cometidos durante a ditadura e combate aos capitais altamente especulativos). O país encontra-se, enfim, em uma encruzilhada sobre o caminho que vai escolher: continuidade e até aprofundamento da estratégia neodesenvolvimentista ou um retorno ao neoliberalismo? Em 2015, a eleição do empresário e ex-presidente do clube *Boca Juniors*, Mauricio Macri, para o comando da Argentina, rompe com doze anos de kirchnerismo. A mudança parece apontar na direção de um caminho inverso do que tem sido aplicado nas políticas econômicas e sociais. De qualquer forma, o que ocorrer na nação portenha impactará a geopolítica da América Latina nos próximos anos, especialmente para o continente sul-americano.

⁴ Ver as referências e explicações sobre (neo)liberalismo e (neo)desenvolvimentismo na Apostila 1.

Os presidentes rebeldes: Uruguai

Sem também fugir à “regra” latino-americana, o Uruguai e seu povo igualmente sofreram com uma ditadura militar iniciada em 1973 e que se encerrou somente em 1985. Em 2015, a Comissão da Verdade do Uruguai começou a investigar os crimes cometidos pelo Estado, dentro e fora do país, desde 1968. Espera-se, assim, fazer justiça e esclarecer esse período ainda obscuro da história.



MIGUEL ROJO/AFP

Marcha do Silêncio, em Montevidéu, realizada anualmente desde 1995 e que reivindica o esclarecimento do destino dos desaparecidos na ditadura.

Outro representante da constelação de presidentes “rebeldes” da América Latina é José “Pepe” Mujica. Homem humilde e de hábitos simples (foi considerado o presidente mais pobre do mundo), o ex-agricultor e ex-guerrilheiro Mujica governou o Uruguai de 2010 a 2015 (quando completou 80 anos de idade), conseguindo eleger seu sucessor, Tabaré Vázquez, que já havia governado o país entre 2005 e 2010. Enquanto presidente, continuou a viver em sua chácara na periferia de Montevidéu, doava 90% de seu salário para a caridade e ia ao trabalho em um Fusca. Seu governo, em termos gerais, foi caracterizado por medidas com forte apelo social e de soberania política, o que tem garantido ao país, mesmo de pequenas dimensões, reconhecimento na geopolítica mundial, especialmente da América do Sul.



PABLO BIELLI/AFP

Mujica, durante seu mandato, em seu Volkswagen ano 1987.

:: Regulamentação da maconha

Outra medida polêmica de Mujica que provocou projeção mundial de seu governo foi a lei da legalização da maconha em 2013. Proposta pela presidência e aprovada pelo legislativo federal, a lei prevê a liberação da venda e cultivo de maconha no país com controle estatal do comércio da substância. Usuários devidamente cadastrados poderão comprar até 40 gramas mensais nas farmácias, sendo que a legislação também indica a criação de um Instituto Nacional de *Canabis* para controlar a produção e a distribuição da droga, propor medidas a infratores e organizar políticas públicas educativas sobre os malefícios da substância. O texto também normatiza o cultivo para consumo próprio, limitando-o a até seis plantas por pessoa, ficando proibido qualquer tipo de publicidade.

Entre as justificativas para a defesa do projeto há o fato de que, a cada três presos no Uruguai, um está detido por conta de crimes relacionados às drogas. O país possui, proporcionalmente, a maior população carcerária na América do Sul, de acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), apesar de possuir um dos índices mais baixos de violência do continente, como podemos ver no quadro a seguir.

Taxa da população adulta privada de liberdade a cada 100 mil habitantes América do Sul (2012)

Uruguai	282
Brasil	274
Chile	267
Guiana Francesa	267
Guiana	260
Colômbia	245
Peru	202
Suriname	191
Venezuela	161
Equador	149
Argentina	147
Bolívia	130
Paraguai	115

Fonte: VERNAZZA, Lucía. *Adolescencia y delito: seis contra argumentos al aumento del castigo*. Disponível em: unicef.org/uruguay/spanish/adolescencia-y-delito.pdf. Acesso em: 22 dez. 2015.

Segundo Mujica, “com o proibicionismo, a única coisa que alcançamos foi fortalecer o poder do tráfico e do

crime organizado de tal forma que, como ocorre na Colômbia ou no México, ele chegam a desafiar o próprio Estado”.

:: Também a *Ley de Medios*

No final de 2014, o parlamento uruguaio aprovou a legislação para regulamentação do setor de telecomunicações. Oficialmente chamada *Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual*, trata basicamente do rádio e da televisão, não sendo objeto da norma a internet. Em termos de importância geopolítica, a nova lei poderá contribuir para a preservação da identidade e cultura do Uruguai, privilegiando assim sua soberania em um mundo onde a cultura está cada vez mais globalizada,⁵ pois um país culturalmente mais independente terá mais chances no controle autônomo de sua economia e política. A reforma, que certamente encontrará resistências na prática, foi apoiada por órgãos e convenções nacionais e internacionais: Unesco, Associação de Produtores de Cinema do Uruguai, Coalização por uma Comunicação Democrática, entre outros. Em síntese, a lei aborda os seguintes pontos:

- Proíbe o monopólio de rádio e televisão, limitando até seis concessões por empresa, sendo que na capital, Montevideu, o número máximo cai para três.
- As tevês públicas deverão ter no mínimo 60% da programação de origem nacional e 1/3 desse percentual elaborado por produtores independentes.
- Entre as 6 h e as 22 h não poderão ser difundidos programas com conteúdos violentos, pornográficos ou relacionados a jogos de azar.
- Crianças e adolescentes não poderão participar da publicidade de produtos prejudiciais à saúde, como cigarros e bebidas alcoólicas.

:: Demais conquistas sociais e a herança de Mujica

Longe de ter resolvido todos os principais problemas, o Uruguai pode ser visto como um laboratório social, não só para a América Latina, mas para todo o mundo, no sentido de ter encaminhado positivamente (e não necessariamente já resolvido) as demandas populares mais prementes. Sublinha-se: para se tentar resolver desafios urgentes não são necessárias gigantescas quantidades

⁵ Para mais informações sobre globalização cultural, ler as aulas 1 e 2 da Apostila 1 e a aula 10 da Apostila 3.

de recursos, dinheiro e infraestrutura. Nunca é demais lembrar que tanto a política quanto a geopolítica não possuem um fim em si mesmas. Existem para viabilizar uma sociedade decente e digna para todos. Destacamos algumas das outras iniciativas uruguaias.

Maioridade penal

Discussão controversa em todo o mundo, o tema mais polêmico nas eleições presidenciais de 2014 foi a questão da segurança pública, com destaque para o debate a respeito da maioridade. Junto às eleições realizou-se plebiscito sobre a redução ou não da idade penal de 18 para 16 anos. A proposta foi recusada por 53% dos uruguaios. Havia, durante a campanha, duas principais visões antagônicas. Uma delas defendia justamente a redução da maioridade penal e a administração privada das penitenciárias. A outra, do candidato vencedor das eleições, Tabaré Vázquez, preferia a adoção de medidas socioeducativas, como o estabelecimento de um sistema carcerário civil com o objetivo de oferecer formação, educação e emprego ao adolescente infrator. Mesmo sendo um dos menores da América do Sul, o índice de violência uruguaio tem se elevado nos últimos anos e, conforme refletimos anteriormente, o Uruguai, com a maior população carcerária em termos proporcionais, tenta minorar os desafios da segurança por meio de políticas públicas, entre elas, o já debatido uso controlado da maconha. O tempo vai confirmar a correção ou não de tais medidas.

Políticas públicas de maior polêmica do governo Mujica

Tema	Desenvolvimento
aborto	Em 2012, foi aprovada lei que possibilita às mulheres interromper a gravidez, de maneira segura e legal, até a 12ª semana de gestação. Os protocolos para a intervenção seguem os critérios recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Entre 2013 e 2014, foram realizados no Uruguai 6 676 abortos seguros sem o falecimento de nenhuma mulher.
casamento homossexual	Em 2013, o Uruguai se tornou o 12º país do mundo e o segundo da América Latina (junto a Argentina) a apoiar a união civil entre pessoas do mesmo sexo.
Guantánamo	Em 2013, Mujica que critica publicamente os Estados Unidos pela manutenção da prisão de Guantánamo, em Cuba, fez um acordo com o presidente Barack Obama para que o Uruguai recebesse prisioneiros libertados da base como refugiados.
refugiados sírios	Desde 2014, o pequeno Uruguai recebe dezenas de adultos e crianças vítimas da guerra civil na Síria. A essas famílias oferece acompanhamento profissional, emprego e moradia.

Fonte dos dados: operamundi.uol.com.br. Acesso em: jan. 2016. Quadro elaborado pelo autor.



EXERCÍCIOS

- (Fuvest) Existem semelhanças entre as ditaduras militares brasileira (1964-1985), argentina (1976-1983), uruguaia (1973-1985) e chilena (1973-1990). Todas elas:
 - receberam amplo apoio internacional tanto dos Estados Unidos quanto da Europa Ocidental.
 - combateram um inimigo comum, os grupos esquerdistas, recorrendo a métodos violentos.
 - tiveram forte sustentação social interna, especialmente dos partidos políticos organizados.
 - apoiaram-se em ideias populistas para justificar a manutenção da ordem.
 - defenderam programas econômicos nacionalistas, promovendo o desenvolvimento industrial de seus países.

2. (UFG) A geopolítica no continente americano sofreu mudanças consideráveis na década atual, modificando projetos institucionais que visavam maior influência econômica dos Estados Unidos. Como contraponto a essas iniciativas, o governo da Venezuela propôs a criação de um novo bloco. Esse bloco, que conta atualmente com a adesão de vários países, é
- o Mercosul, que visa estreitar as relações com os países do Cone Sul.
 - o Nafta, que busca aproximar os países da América do Norte e Central.
 - o Pacto Andino, que surge do chamado Acordo de Cartagena, com objetivo de integração econômica.
 - a Unasul, que objetiva criar mecanismos de proteção aos países da América do Sul.
 - a Alba, que propõe a unificação política e econômica entre os países da América do Sul e da América Central.

ESTUDO ORIENTADO



Caro(a) aluno(a),

Na aula 5, voltamos nossa atenção para as novas realidades e posturas de governos eleitos no continente entre o final do século XX e início do XXI. Por exemplo, nos primeiros 15 anos dessa nova fase, políticas (neo)desenvolvimentistas substituíram as estratégias (neo)liberais da década de 1990. A grande questão é: os avanços socioeconômicos conquistados no período mais recente serão aprofundados e consolidados ou corremos o risco de voltarmos a uma época que não deixou saudades, com precarização das condições de trabalho, desemprego, baixos salários e ausência de políticas sociais, notadamente em saúde e educação. É esse o grande dilema atual e, por esse motivo, convidamos você a refletir sobre ele. Afinal de contas, isso também tem a ver com você!

Bons estudos!

EXERCÍCIOS

- (Fatec) Nos anos 1950, a política econômica da Argentina sofreu várias críticas dos que acreditavam ser o peronismo um regime populista. Isso se deu porque o peronismo:
 - conteve o movimento sindical, o que constituiu um desestímulo para a massa operária.
 - beneficiou, sobretudo, as classes ligadas ao capitalismo industrial.
 - realizou muitas mudanças estruturais para garantir o sucesso do justicialismo.
 - terminou com o programa de nacionalização das ferrovias implantado anteriormente.
 - diminuiu, sensivelmente, o poder de controle estatal sobre a produção.
- (Fuvest) Sobre o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) na Argentina, podemos afirmar que:
 - recebeu expressivo apoio de parte importante da classe trabalhadora, ainda que não lhe tenha concedido benefícios concretos.
 - foi um governo com uma retórica nacionalista, que recebeu dos “descamisados” importante sustentação política.
 - deslocou o centro das atenções políticas para a figura carismática de Eva Perón, assumindo o presidente uma postura discreta e secundária.
 - foi um governo ditatorial, pois fechou o Congresso e colocou os partidos políticos na ilegalidade.
 - buscou persistentemente, no plano internacional, uma aliança com os Estados Unidos.

3. (Mackenzie)

Ex-atriz, Eva Duarte nunca parou de representar. Depois que casou com Perón, assumiu o papel de Evita Perón, “a mãe dos descamisados”. Bela, sofisticada, ardente, foi responsável por parte da popularidade do marido [...]

Evita adorava distribuir brinquedos e doces para os descamisados. Era tão excitante quanto as bolhinhas de champagne! Os pobres a chamavam de “Dama da Esperança” [...]

Mário Schmidt.

As expressões: “a mãe dos descamisados”, e “Dama da Esperança” refletem uma face da política populista, que tinha dentre seus objetivos:

- confiscar as grandes propriedades agrárias para reorganizar a agricultura, promover a conciliação dos camponeses com o governo, fomentar o planejamento e controle da política econômica e social pelos trabalhadores urbanos.
- abolir a servidão econômica e social e preparar o campo político para a burguesia romper os laços de dominação colonial e implantar o capitalismo na Argentina.
- transformar a sociedade argentina, substituindo a aristocracia de sangue-chapetones pela do dinheiro, admitindo reformas que promovessem a igualdade econômica dos cidadãos.
- promover uma política de conciliação de classes sociais visando à modernização e ao desenvolvimento econômico autônomo, realizando concessões às classes trabalhadoras para manter o apoio popular.
- cooptar a simpatia da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) para apoiar o programa de redução do déficit público e estabilidade econômica da Argentina, Plano Austral, abalada pela política econômica do regime militar.

4. (Unesp)

Um conjunto de normas mais ou menos semelhantes se impôs na Argentina após 1976, no Uruguai e no Chile, depois de 1973, na Bolívia quase ininterruptamente, no Peru, de 1968 até 1979, no Equador, de 1971 a 1978.

Clóvis Rossi

Assinale a alternativa que melhor expressa o conjunto de normas de exceção que marcaram a trajetória político-institucional dos países latino-americanos indicados no texto.

- Dissolução de partidos e sindicatos, com objetivo de estabelecer uma nova ordem democrática e popular.
- Domínio político das organizações guerrilheiras.
- Extinção dos partidos políticos, intervenção nos sindicatos e suspensão das eleições diretas.
- Política externa alinhada automaticamente à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e ao bloco do Leste.
- Formação de uma frente parlamentar, para revisão constitucional.

5. (Fatec) Em 2012, segundo o então presidente da Venezuela Hugo Chávez, uma estratégia para diminuir a dependência do setor petrolífero e impulsionar o desenvolvimento agrícola e industrial em seu país seria:

- intensificar as negociações com a União Europeia (UE).
- aderir como membro pleno ao Mercado do Cone Sul (Mercosul).
- tornar-se membro oficial da Organização dos Estados Americanos (OEA).
- passar a ser membro integrante da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).
- associar-se como membro oficial do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta).

**RODA DE LEITURA**

Leia o texto a seguir e o considere como um suporte para o debate.

O que o brasileiro médio sabe da América Latina?

A elite brasileira há muito tempo tem parte nessa nossa ignorância sobre a vizinhança. A escola e a imprensa também têm sua responsabilidade por isso.

[...] Nunca vi nenhuma pesquisa sobre o que e o quanto de América Latina o brasileiro médio sabe. Mas posso apostar que é muito pouco. Provavelmente menos até do que nossos vizinhos conhecem sobre o nosso país. E de

maneira ainda mais superficial. E isso é sim um problema. Num mundo globalizado e dividido em grandes blocos como hoje, nada mais estratégico do que a aproximação com as nações com as quais um país tem identidades históricas, geográficas, culturais e econômicas.

Suponho que os séculos em que América hispânica e a América lusitana estiveram mutuamente de costas uma para a outra colaboraram para nossa ignorância sobre o que se passa aqui pertinho da gente.

Aliás o próprio termo América Latina é invenção fofo, europeia. Coisa de franceses, no início do século XIX. Dizem que Napoleão III desejava assenhorar-se desta parte do mundo recém-liberto do jugo espanhol e português. Queria impedir que a Inglaterra, anglo-saxônica, o fizesse. Daí o recurso napoleônico à nossa latinidade em comum, entre nossos jovens países desta parte do mundo com a França.

Mas bote-se aspas nesse “em comum”, já que naquela altura do campeonato por essas bandas talvez só a pequena elite branca descendente de espanhóis e portugueses tivesse alguma identidade cultural e linguística com a nobreza europeia. De resto, éramos nações predominantemente indígenas, negras ou mestiças.

A França, a bem da verdade, chegou até a emplacar um governo no México já independente. Botou no poder Maximiliano de Habsburgo, um nobre austríaco, que governou aquele país entre 1864 e 1867, mas que acabou deposto e assassinado por nacionalistas mexicanos. Foi um projeto frustrado, e quem na verdade conseguiu levar a América Latina para sua área de influência foi a Inglaterra, e, mais tarde, os EUA.

A elite brasileira, portanto, há muito tempo tem parte nessa nossa ignorância sobre a vizinhança. Mas para além de séculos de história olhando para o Atlântico e de costas para a América Latina, nossa escola e nossa imprensa também têm suas parcelas no desconhecimento quase completo que o brasileiro médio tem sobre nossos vizinhos. É pouquíssimo o que se ensina sobre América Latina para nossas crianças e adolescentes. Provavelmente o assunto mais abordado seja a Guerra do Paraguai, sempre naquela versão oficial de que Solano Lopez era um terrível ditador que pôs em risco a soberania de três jovens nações democráticas como Argentina, Brasil e Uruguai.

Heróis de esquerda ou de direita da libertação da América Latina, como San Martín, Sucre, Hidalgo, Artigas, O’Higgins ou Simón Bolívar, provavelmente jamais foram citados na maioria das nossas escolas. Bolívar, aliás, que mais do que um brilhante militar foi um pensador com sólida formação intelectual, passa

inclusive em brancas nuvens em muitos cursos de Ciência Política das universidades brasileiras, os mesmos nos quais Jay, Madison e Hamilton, pais fundadores dos EUA, são leitura obrigatória.

E a imprensa? Quantos correspondentes do jornalismo pátrio temos na América Latina? Muito poucos. Dizem que no passado foram até mais, não sei. Quais os temas historicamente recorrentes nas nossas tevês, revistas e jornais sobre nossos vizinhos? Copa Libertadores da América de futebol, crise econômica argentina, o regime cubano, o comércio popular na fronteira paraguaia, o tráfico de drogas, a Copa do Mundo de 1970 no México... e vamos parando por aí. O brasileiro médio conhece quais personagens latino-americanos? Maradona, Fidel Castro, Hugo Chávez e o Cháves, do SBT. E tirando este último, provavelmente odeia os outros três.

Fato é que não sabemos quase nada da região do mundo na qual estamos inseridos. Nossa elite branca e endinheirada sempre olhou para a Europa (primeiro Lisboa, depois Paris e Londres), e de algumas décadas para cá tem Nova York e Miami como parâmetros. Não que as elites argentina, venezuelana ou mexicana, ou qualquer outra, sejam muito diferentes. Mas enfim, nossa elite tem como modelo os países ricos, e nutre ódio mortal por Cuba e seu regime socialista.

Detesta também governos de esquerda mais recentes da região, como nos casos de Venezuela e Argentina. Os termos venezuelização e argentinização, cada vez mais usados em nosso país, que o digam. Nossa elite talvez até nutra alguma simpatia pelo uruguaio Mujica, que apesar de esquerdista tem sua agenda liberal de governo, calcada em direitos civis como união homoafetiva e legalização da maconha. E nossa elite não tem formação e informação suficientes para compreender outros governos de esquerda do continente, como a Bolívia ou o Equador. Na dúvida, porém, dá-lhe adjetivos como populistas e caudilhos a quaisquer governantes nacionalistas que surjam na vizinhança.

[...]

IGLECIAS, Wagner.

O que o brasileiro médio sabe da América Latina?

Disponível em: cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/O-que-o-brasileiro-medio-sabe-da-America-Latina-/6/30216. Acesso em: 22 dez. 2015.

Você concorda com as conclusões do autor? O nível de conhecimento do brasileiro relacionado à cultura e à política da América de fala espanhola é realmente baixo?

Seria correto afirmar que a maior parte das ideias dos brasileiros sobre os hispano-americanos estão baseadas em estereótipos? É realmente importante conhecermos a cultura dos países vizinhos ao Brasil? Com seus colegas de estudo, aproveite o momento e também troquem informações pertinentes à América Hispânica.

NAVEGAR

:: Sites

Memórias da ditadura

Disponível em: memoriasdadtadura.org.br. Acesso em: 22 dez. 2015.

Apesar de ser centrado na repressão brasileira de 1964, o *site* faz ricas referências ao contexto internacional e principalmente latino-americano do período. Além disso, há muitas semelhanças entre as ditaduras do continente, o que, por isso mesmo, valida o estudo de nosso caso como referência e comparação. Oferece ainda farto material escrito e audiovisual, abrangendo vários aspectos a respeito do tema.

Sudestada

Disponível em: revistasudestada.com.ar. Acesso em: 22 dez. 2015.

Revista impressa mensal argentina, também com a versão digital, direcionada a temas da atualidade, política, cultura, futebol, literatura, música, cinema e história. Aborda não só a nação portenha, mas também o continente. Criada em 2001, consolidou-se como uma alternativa ao jornalismo praticado no país.

El Telégrafo

Disponível em: eltelegrafo.com.ec. Acesso em: 22 dez. 2015.

No mesmo estilo que a *Sudestada* argentina, a *El Telégrafo* do Equador oferece uma ampla e séria visão do continente e do próprio país em que se localiza. Com uma diferença: foi fundada em 1884.

Ansur

Disponível em: ansur.am. Acesso em: 22 dez. 2015.

Em contraposição ao domínio das poucas agências internacionais de notícias, a Agencia de Noticias del Sur – Ansur disponibiliza uma versão diferente dos fatos ocorridos na América Latina e Caribe.

La Radio del Sur

Disponível em: laradiodelsur.com.ve. Acesso em: 22 dez. 2015.

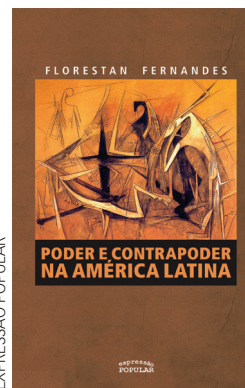
Site do Ministério das Comunicações da Venezuela. Além de divulgar a realidade venezuelana, oferece uma visão alternativa ao que normalmente a grande mídia, inclusive a brasileira, informa.

:: Livros

BETHEL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: Edusp. Obra em 7 volumes, o primeiro volume publicado em 1997.

Em 7 volumes, a colossal obra (em quase três mil páginas) é não só um clássico, mas a mais importante referência para quem deseja se aprofundar no conhecimento do continente. Aborda cinco séculos de história nos campos da cultura, sociedade, economia e política.

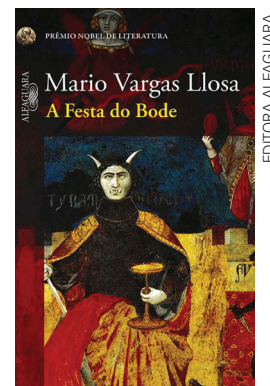
FERNANDES, Florestan. *Poder e contrapoder na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.



O político e principalmente intelectual brasileiro, de renome internacional e com várias obras clássicas, desenvolve neste texto um afiado exame das construções históricas e sociológicas que conduziram à América Latina de hoje. No livro, o autor também relaciona sua análise com as possibilidades de transformação para a sociedade.

VARGAS LLOSA, Mario. *A festa do Bode*. 4. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2001.

A vasta obra do escritor peruano, reconhecida com o Nobel da Literatura em 2010, é mais uma excelente forma de conhecer melhor a América Latina. Candidato derrotado à presidência da República do Peru em 1990, Vargas Llosa, amalgamando ficção, história e política, retrata neste romance a queda do ditador Rafael Trujillo (o Bode) da República Dominicana.



:: Filmes

A revolução não será televisionada ou Chávez: bastidores do golpe (Chavez: Inside the Coup)

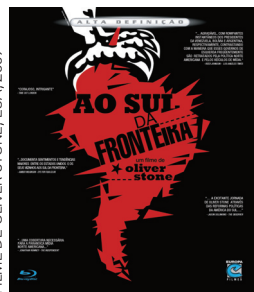
Direção: Kim Bartley e Donnacha O'Briain. Irlanda, 2003. O documentário irlandês de 2003 trata do golpe de Estado dado contra Hugo Chávez na Venezuela no ano anterior. Ganhadora de prêmios internacionais, a obra contribui para a compreensão da geopolítica venezuelana atual. Disponível em: [youtube.com/watch?v=MTui69j4XvQ](https://www.youtube.com/watch?v=MTui69j4XvQ). Acesso em: 22 dez. 2015



FILME DE KIM BARTLEY, DONNACHA O'BRIAN, 2003

El Despertar de Ameroibérica

Direção: José Haidar, A. Jones e P. Sosa. Venezuela, Cuba, Argentina e Uruguai, 2007 (parte I) e 2009 (parte II). O documentário trata da história boliviana com a eleição do primeiro presidente indígena, Evo Morales. Produzido pela TeleSur (rede estatal criada em 2005 pelos governos de Venezuela, Cuba, Argentina e Uruguai). Apesar de estar em espanhol, o áudio é excelente e perfeitamente compreensível, uma oportunidade para exercitar o idioma. Disponível no YouTube em duas partes. Disponíveis em: [youtube.com/watch?v=SymwCv7MbbA](https://www.youtube.com/watch?v=SymwCv7MbbA) (parte I) e [youtube.com/watch?v=uM-RHMTpg_Y](https://www.youtube.com/watch?v=uM-RHMTpg_Y) (parte II).



FILME DE OLIVER STONE, EUA, 2009

Ao sul da fronteira (South of the Border)

Direção: Oliver Stone. Estados Unidos, 2009.

Outro documentário é o do famoso cineasta estadunidense Oliver Stone, diretor de filmes como *Platoon* e *Nascido em quatro de julho*, pelos quais

levou dois prêmios Oscar de melhor diretor. De 2009, a produção analisa a nova safra de presidentes de alguns países na América Latina, por exemplo, Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia), Fernando Lugo (Paraguai), Cristina Kirchner (Argentina), Rafael Correa (Equador), Raúl Castro (Cuba) e Lula (Brasil). Também disponível em: [youtube.com/watch?v=mB-C6FtaZ7E](https://www.youtube.com/watch?v=mB-C6FtaZ7E). Acesso em: 22 dez. 2015.

→ ÁGORA

As frases a seguir não foram ditas por um militante de esquerda ou dirigente comunista, mas sim pelo Papa Francisco, o representante máximo de uma instituição bastante conservadora e com mais de dois mil anos de existência: a Igreja Católica.

“O colonialismo reduz os países pobres e produz miséria, violência. Coloca-se a periferia em função do centro.”

“Cometeram-se muitos pecados contra os povos originários da América em nome de Deus.”

“O futuro da humanidade não está nas elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos.”

“A primeira tarefa é colocar a economia a serviço dos povos. Digamos não a uma economia de exclusão.”

“Queremos uma mudança real de estruturas. Este sistema – global – já não se aguenta.”

“Um pobre que morre de frio e de fome hoje não é notícia, mas se as bolsas das principais capitais do mundo descem dois ou três pontos arma-se o grande escândalo mundial.”

“Podes ir à missa aos domingos, mas se não tens um coração solidário e não sabes o que acontece no teu país, a fé está doente e está morta.”

“Quando a política se deixa dominar pela especulação financeira, se rege unicamente pelo paradigma tecnocrático utilitarista da máxima produção e não poderá resolver os grandes problemas que afetam a humanidade.”

“Vocês podem e fazem muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está em suas mãos (a juventude).”

Primeiro pontífice latino-americano, o argentino Francisco tem surpreendido o mundo com suas análises políticas. Diferentemente de seus predecessores, sua visão global tende fortemente a um posicionamento progressista e socialmente inclusivo. Como interpretar suas

frases? Ele estaria extrapolando sua missão espiritual ou não seria possível tal libertação vivendo na miséria? Pode-se dizer que há uma certa retomada da Teologia da Libertação na América Latina ou isso seria uma precipitação? Quais impactos políticos globais podem produzir em nossa região? Justifique seus argumentos e ideias dividindo-os com seus colegas e deles ouvindo demais visões relacionadas à nova postura papal.



A política externa dos Estados Unidos, como de qualquer outro grande império na história, busca ampliar e controlar territórios, para garantir e estender conquistas nos campos econômico, ideológico e político. Essa tem sido a estratégia estadunidense em relação à América Latina, cujo maior símbolo é Cuba. No entanto, a partir de 2015 houve um sinal concreto de mudanças na relação entre os dois países. O que podemos esperar com essa novidade?



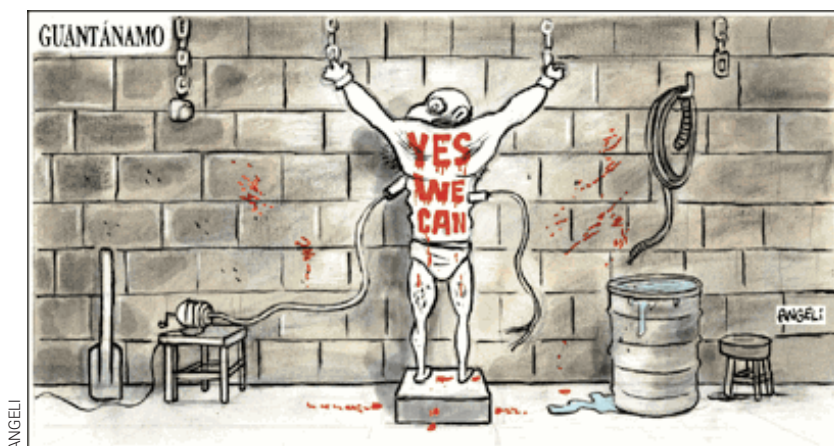
A Assembleia Geral da ONU [27/10/2015] pediu nesta terça-feira, pelo 24º ano consecutivo e por imensa maioria, o fim do embargo aplicado a Cuba pelos Estados Unidos [...]
O texto foi apoiado por 191 dos 193 países. Apenas Estados Unidos e Israel votaram contra [...]

Disponível em: zh.clicrbs.com.br. Acesso em: 22 dez. 2015.

Resistência cubana e as relações com os EUA

Uma relação de amor e ódio

A relação conflituosa entre Cuba e Estados Unidos remonta, ao menos, a 1898. Nesse ano, a Espanha reconheceu, após alguns meses de guerra contra os norte-americanos, a independência cubana. No entanto, a partir do Tratado de Paris de 1898, que pôs fim ao conflito, e da Emenda Platt, os Estados Unidos passam a exercer controle sobre a ilha, ocupando-a entre 1899 e 1903. Nesse ano, criam uma base naval permanente em Cuba: a prisão de Guantánamo (ainda em plena atividade), além de terem a autorização de intervenção militar sobre a ilha, caso julgassem necessário.



Em alusão ao lema da campanha eleitoral de Barack Obama ("Yes, we can": Sim, nós podemos), a charge denuncia a política da tortura na base estadunidense de Guantánamo, Cuba.

Portanto, Cuba "independente" da Espanha nasce dependente dos Estados Unidos: em 1901, passa a ser considerada um protetorado, e assim se mantém até 1933. Até 1º de janeiro de 1959, quando Fidel Castro, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e seus combatentes tomam o poder em Cuba, os Estados Unidos empreenderam fortes investimentos nos setores de petróleo, transportes, eletricidade e hotelaria, entre outros.

Na prática, o Tratado de Paris de 1898 significou o início dos Estados Unidos enquanto império. Da mesma forma que Roma e tantas outras nações europeias, notadamente Portugal, Espanha e Grã-Bretanha, os estadunidenses principiaram sua expansão territorial pelo mundo. Estratégia essa, de certa maneira, ainda em vigor.¹

Em síntese, desde o final do século XIX até a tomada de poder por Fidel Castro, Cuba foi objeto de satisfação dos interesses políticos e econômicos do governo e dos empresários estadunidenses. Depois disso, como vimos, a ilha se transformou justamente no oposto: um grande problema político e um espaço onde o capital dos Estados Unidos não poderia mais entrar.

¹ Para mais informações, ler Apostila 3.

A Revolução Socialista

A tomada de poder por Fidel Castro representou uma profunda ruptura para os interesses dos Estados Unidos em Cuba. Por exemplo, com a Reforma Agrária, grandes quantidades de terra foram desapropriadas, entre elas 400 mil hectares da *United Fruits* e de outras duas empresas, cujas indenizações oferecidas por Cuba foram rejeitadas. Também foram nacionalizadas empresas petrolíferas norte-americanas e britânicas.



Ernesto Che Guevara, Fidel Castro e Camilo Cienfuegos lideraram revolução contra a ditadura de Fulgencio Batista.

:: O fim do mundo

Segundo o livro dos records, o *Guinness*, até 2006 Fidel Castro (quando foi substituído por seu irmão no governo cubano) teria sofrido 638 tentativas de assassinato. Os métodos foram os mais inusitados: explosivos em seus sapatos e bolas de beisebol, veneno nos charutos, franco-atiradores, entre muitos outros tipos. Segundo o *site* cubadebate.cu (acesso em: 22 dez. 2015), a maior parte são de responsabilidade da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos. A indisposição do governo norte-americano, desde a administração de Kennedy, levou igualmente à realização de várias investidas secretas, como as operações *Mongoose*, *Northwoods* e *Ortsac*.

Essa situação de alta beligerância política, incluindo-se o embargo econômico, incentivou a já mencionada parceria de Cuba com a ex-URSS. Historicamente, o momento mais grave dessa polarização na Guerra Fria ficou conhecida como **crise dos mísseis** em 1962.

Em 14 de outubro de 1962, um avião-espião dos Estados Unidos fotografou a instalação de mísseis soviéticos de médio alcance em Cuba. Foi o momento mais próximo em que o mundo esteve, até hoje, de uma guerra nuclear. A reação de Kennedy foi imediata. Em 24 de

outubro, em uma escala de 1 (máximo) a 5, os Estados Unidos entraram em alerta 2, ou seja, prontos para atacar alvos na URSS. A frota do comando aéreo estratégico dos Estados Unidos foi colocada no ar e abastecida por aviões-tanques; 250 mil soldados foram reunidos na costa da Flórida prontos a invadir Cuba, além de dois mil voos de bombardeios disponíveis; na ilha, 42 mil soldados soviéticos, 100 mil cubanos e 100 armas nucleares estavam prontos para a batalha. Na ilha japonesa de Okinawa, os norte-americanos também tinham de prontidão caças-bombardieiros armados com bombas de hidrogênio e uma enorme quantidade de mísseis com ogivas nucleares. Tudo pronto para atacar não a URSS, mas a China.

Mesmo com o forte posicionamento de cautela do governo, militares de alta patente norte-americana conspiravam para precipitar o ataque nuclear. Em determinado momento, além da pressão sobre o presidente, chegaram a relatar que os Estados Unidos já estavam sob ataque da URSS. No ápice da tensão, no dia 27 de outubro, um submarino russo carregando armas nucleares e dirigindo-se para a área de conflito foi atacado por um porta-aviões dos Estados Unidos. O comandante soviético do submarino ordenou que um torpedo nuclear fosse preparado para disparo. Seria o começo da guerra nuclear e o provável fim da humanidade. Os dois presidentes (Kennedy e Krushev, da URSS) começavam a perder o controle. Sem a autorização do líder soviético, um avião dos Estados Unidos fora derrubado sobre Cuba. Como reação, o Estado-Maior Conjunto quis destruir os mísseis em solo cubano. Kennedy não permitiu. Enfim, no dia 28 de outubro a URSS resolveu retirar-se de Cuba e os Estados Unidos se comprometeram em remover seus mísseis da Turquia, muito próximos do território soviético.

:: Se você vender para Cuba não venderá para os Estados Unidos

Com a Revolução Cubana, Eisenhower, que presidiu os Estados Unidos entre 1953 e 1961, iniciou um embargo comercial, fechando o mercado para o açúcar cubano, entre outros produtos. A solução foi a aproximação com os soviéticos e chineses, que passaram a adquirir o excedente de Cuba. No xadrez geopolítico, Fidel Castro não tinha outra alternativa a não ser o estabelecimento de relações políticas e econômicas principalmente com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Em termos práticos e gerais, salvo exceções, os cidadãos e empresas estadunidenses são multados

pesadamente se realizarem comércio com Cuba. Cidadãos e empresas de todas as outras partes do mundo podem ser impedidos de vender aos Estados Unidos caso o façam para Cuba. Concretamente: todo navio que passar por Cuba, mesmo que por um breve período, não pode atracar em portos dos Estados Unidos por seis meses. É essa a lógica básica do embargo econômico, financeiro e comercial iniciado por Kennedy em 7 de fevereiro de 1962 e intensificado pelo democrata Bill Clinton em 1999. De acordo com estimativas do próprio governo cubano, o país perdeu, em mais de 50 anos de embargo, o equivalente a US\$ 1,1 trilhão.

Apesar de o fim do embargo contra Cuba ser, em primeiro lugar, uma questão humanitária, não se pode desconsiderar que há fortes pressões de grupos econômicos estadunidenses para terminar com o bloqueio. E são empresas de vários setores que visam lucrar com o reestabelecimento das relações comerciais, como de telecomunicações, internet, turismo, intermediação financeira, cultura, agropecuário etc. De acordo com a organização não governamental Engage Cuba (engagecuba.org; acesso em: 22 dez. 2015), o fim do embargo elevaria as exportações dos Estados Unidos para a ilha em mais de US\$ 4 bilhões. Com a sua extinção, os Estados Unidos estariam assumindo a derrota e inutilidade de uma política de Estado com mais de 50 anos de duração. Daí a principal resistência norte-americana.

❖ ¿Hasta cuando?

Em 27 de maio de 1902 tiveram início as relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos, rompidas em 3 de janeiro de 1961, por consequência da Revolução

Socialista. Antes do momento historicamente desejado pelos Estados Unidos, foram retomadas em 17 de dezembro de 2014 no governo de Barack Obama. Após 18 meses de negociação direta, e com a participação efetiva do Papa Francisco, em 14 de agosto de 2015 foi reaberta a embaixada dos Estados Unidos em Cuba, na capital Havana, em local com nome sugestivo: a Esplanada Anti-Imperialista. Com a participação do secretário de Estado John Kerry e o chanceler cubano Bruno Rodríguez, iniciou-se um processo de abertura que, para ser verdadeiramente concretizado, necessita do fim do bloqueio, vazio de qualquer sentido na atualidade. De certa maneira, trata-se de uma derrota para a geopolítica dos Estados Unidos, que, durante mais de cinco décadas, afirmavam restabelecer relações somente a partir da mudança do regime em Cuba. Como já indicado, a posição dos Estados Unidos, criticada há muito tempo e em todo o mundo, junto ao fracasso do embargo, perdeu a capacidade de ser sustentada.



FREDERIC SOLTAN/CORBIS/LATINSTOCK

Prédio do Ministério do Interior, Praça da Revolução, Havana. No painel frontal, a representação do rosto de Che Guevara.



EXERCÍCIOS

1. (PUC-MG) Não podemos considerar efeitos político-econômicos do colapso do socialismo soviético sobre Cuba:
 - a) o retrocesso dos avanços sociais, pondo a perder as grandes conquistas dos trabalhadores.
 - b) o estrangulamento econômico, levando o governo a adotar o racionamento de produtos básicos.
 - c) a defesa do regime, conduzindo as autoridades a posições drásticas como “socialismo ou morte”.
 - d) o declínio do comércio, comprometendo o principal produto de exportação da ilha, o açúcar.
 - e) a manutenção da cúpula governamental, preservando o poder carismático do líder Fidel Castro.

2. (Cesgranrio) Considerando-se a conjuntura da política externa dos Estados Unidos desde a gestão John Kennedy até a gestão Lyndon Johnson, podemos afirmar que:
 - a) a implantação do Programa de Aliança para o Progresso, por Johnson, caracterizou-se pela doação de alimentos, particularmente leite, para a América Latina.
 - b) o incidente conhecido como “Invasão da Baía dos Porcos”, no governo Kennedy, caracterizou-se como uma fracassada tentativa americana de invadir Cuba.
 - c) a desestabilização da maioria das democracias latino-americanas pela CIA, com o objetivo de implantar governos ditatoriais “confiáveis”, marcou o governo Kennedy.
 - d) a escalada americana no Vietnã, Laos e Camboja, no governo Johnson, deve ser entendida pela retirada das tropas inglesas, paralelamente à influência chinesa nessas regiões.
 - e) os governos Kennedy e Johnson foram marcados pelo acirramento do macartismo e, conseqüentemente, pelo aumento de tensão com o bloco socialista.



ESTUDO ORIENTADO



Caro(a) aluno(a),

A história das relações geopolíticas entre Cuba e Estados Unidos fornece material farto e vasto para vários livros, filmes e seriados muito mais emocionantes e com muito mais ação do que temos nos acostumado a assistir na televisão. São personagens reais e situações dignas das melhores aventuras, intrigas, traições e espionagens. Sendo assim, oferecemos um passeio por essa história, certos de que você ficará estimulado a se aprofundar ainda mais ao perceber que o estudo da geopolítica pode ser algo agradável e interessante!

Bons estudos!



EXERCÍCIOS

1. (FGV) A “Aliança para o Progresso” foi:
 - a) um tratado de comércio entre os países latino-americanos para a ampliação do intercâmbio industrial através das reduções das barreiras alfandegárias entre eles.
 - b) um acordo de cooperação do governo norte-americano do presidente Robert Kennedy com os governos asiáticos visando à independência econômica de seus países.
 - c) uma ação do governo norte-americano em direção ao apaziguamento dos nacionalismos e das guerrilhas da América Latina, através de estímulos à modernização.
 - d) uma aliança econômica e militar dos EUA com os países latino-americanos visando derrubar o governo comunista de Fidel Castro em Cuba.
 - e) uma aliança de países europeus visando a formação da Comunidade Econômica Europeia.

2. (UniRio) Durante a presidência de Jimmy Carter (1977-1981), a política dos Estados Unidos para a América Latina caracterizou-se por um(a):
 - a) aumento do fornecimento de armas a diversos países latino-americanos.
 - b) incremento dos acordos militares e nucleares entre os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina.
 - c) retomada dos princípios intervencionistas contidos na Doutrina Truman.
 - d) condenação dos regimes políticos sem liberdades democráticas estabelecidas.
 - e) rejeição do Tratado para a devolução da “Zona do Canal” ao Panamá.



RODA DE LEITURA

O artigo a seguir, publicado pela revista *Carta Capital* em 27 de julho de 2015, analisa a retomada da diplomacia entre Cuba e Estados Unidos após décadas de rivalidades. A gravidade das desavenças entre os dois países, em plena Guerra Fria, atingiu seu auge na chamada **crise dos mísseis** em outubro de 1962, quando a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) iniciou a instalação de mísseis nucleares no território cubano. Os Estados Unidos ameaçaram revidar e o mundo se viu próximo a um conflito nuclear.

Até onde vai o reatamento entre EUA e Cuba?

A euforia cubana contrasta com o comedimento norte-americano.

A reabertura da embaixada de Cuba em Washington, e da norte-americana em Havana, segunda-feira 20, pôs fim a um período de hostilidade de 54 anos. Reatadas as relações entre a ilha comunista e o país do Tio Sam, quem tem mais a ganhar é Havana. Segundo o presidente Raúl Castro, a questão-mor é o fim do embargo econômico, comercial e financeiro imposto, em 1962, por John Kennedy. O cidadão cubano ganha um salário mensal de, em média, 20 dólares. No entanto, a decisão está nas mãos do Congresso dos EUA, cuja maioria é republicana e desaprova até mesmo as relações bilaterais entre os Estados Unidos e Cuba.

O entusiasmo dos cubanos também parece superar de longe o dos norte-americanos. Isso fica transparente nos comportamentos registrados nas inaugurações. Ou melhor, na maneira de festejar a promoção das chamadas “seções de interesses” para o *status* de embaixadas. Em Washington, o chanceler cubano, Bruno Rodríguez, presidiu uma cerimônia para 500 pessoas na opulenta sede erguida em 1916, e descrita no fim dos anos 50 do século passado pela revista *The Diplomat* como “uma das residências mais bonitas de Washington”. Lágrimas rolaram nos rostos dos diplomatas cubanos quando foram hasteadas as bandeiras. Já em Havana, a reabertura da embaixada não foi festejada, e a bandeira norte-americana não foi içada. Quilométricas filas de cubanos esperaram sua vez para fazer demandas. Em miúdos, para os americanos, *business as usual*.

A cerimônia em Havana acontecerá somente no próximo dia 14, quando o secretário de Estado, John Kerry, dará o ar da graça na ilha caribenha. Será a primeira visita a Cuba de um secretário de Estado norte-americano

desde 1945. Certamente, a festança não terá o mesmo *glamour* daquela dos cubanos. De saída, a embaixada americana lembra um depósito com guaritas com militares armados até os dentes, grades e câmeras. Não se trata exatamente do local ideal para tomar coquetéis.

Por ora, as embaixadas não passam de um significativo passo simbólico. Elas continuam a ser “seções de interesses”, como eram chamadas até segunda-feira em ambos os países. Já a falta de pressa de Kerry em comemorar as novas relações bilaterais em Havana parece embutir uma mensagem. O secretário de Estado até a transmitiu em uma coletiva à imprensa, em Washington. “A normalização das relações com Cuba serão longas e complexas.” A razão? “Numerosas são as diferenças a separar nossos governos.”

As intenções de Barack Obama ao dialogar com Raúl Castro parecem ter começado, no entanto, com o aperto de mão entre os dois líderes durante o enterro de Nelson Mandela, em dezembro de 2013. As negociações ocorreram em dezembro de 2014 e o acordo foi firmado em 30 de junho. A reaproximação deve-se ao fato de Obama ter pedido um estudo sobre Cuba ao Departamento de Estado. Resultado: cabia retirar a ilha da lista de países ligados ao terrorismo. Papa Francisco, diga-se, encorajou a decisão de Obama de negociar com Cuba.

A passagem mais difícil das novas relações começa agora. Em uma coletiva à imprensa em Washington, John Kerry e Bruno Rodríguez reconheceram que a reaproximação não significa que os países ficam em perfeita sintonia diplomática. No entanto, o secretário de Estado disse que, apesar das dificuldades, o diálogo “reflete” o fato de a “Guerra Fria ter terminado há muito tempo”, sendo assim, o interesse dos dois países será “mais bem servido através do diálogo do que com rivalidades”. Kerry disse, também, que esperava uma melhora no quadro de direitos humanos em Cuba.

Rodríguez foi mais incisivo. Pediu o retorno da Baía de Guantánamo, território de Cuba arrendado pelos EUA em fevereiro de 1903. Vale exprimir: Cuba recebia um cheque anual irrisório, inalterado há 102 anos, jamais saldado, não se sabe bem o motivo. Consta que Fidel Castro conserva os cheques na gaveta de uma escrivaninha. Em entrevista a *Carta Capital*, o professor de ciências políticas Michael Strauss, do Centro de Estudos Diplomáticos e Estratégicos em Paris e autor de um livro sobre Guantánamo, observou: “Faz vários anos que os Estados Unidos não pagam Cuba”.

Eis as palavras exatas de Rodríguez na coletiva em Washington: “Queremos de volta o território ilegalmente ocupado de Guantánamo”. E emendou: Guantánamo

está “ocupada” devido à “sede excessiva de dominação” por parte de Washington. Ademais, a base naval, transformada em prisão de supostos terroristas desde 2002, provocou “consequências nefastas”. Kerry rebateu: “Não há nenhuma discussão ou intenção da nossa parte, neste momento, em alterar o tratado de arrendamento existente, ou os acordos com relação à estação naval. Entendemos, porém, que Cuba tenha fortes sentimentos sobre o assunto”.

Ao se expor por vezes em espanhol, Kerry voltou a se referir ao fim do embargo. Obama, disse o secretário de Estado, “não poderia ser mais claro: ele é favorável a pôr um fim no embargo, e sugeriu que isso poderia ser feito no futuro”. Cuba quer, ainda, uma indenização por aquilo que denomina “bloqueio econômico”. Mas como avaliar a indenização? Havana faz uma estimativa de uma centena de bilhões de dólares. Por outro lado, os americanos-cubanos pedem indenizações pelas propriedades confiscadas pela Revolução de 1959. O valor estimado é de cerca de 8 bilhões de dólares. O governo cubano diz estar pronto a negociar esse tipo de indenização, provavelmente porque espera a contrapartida pelo bloqueio econômico.

Além dos congressistas republicanos, podem votar a favor da manutenção do embargo grupos anticastristas espalhados pelos Estados Unidos. Cubano-americanos extremistas não escasseiam. E eleitores moderados e direitistas poderiam votar contra o sucessor de Obama pelo fato de ele ter se reaproximado do Irã e agora de Cuba. Até democratas como o senador de New Jersey, Bob Menendez, estão cautelosos. Declarou Menendez na segunda: “Sempre podemos hastear uma bandeira na embaixada de uma ditadura”. E acrescentou: “Mas o objetivo real é içar as cores em um país onde o povo cubano é livre, onde os direitos humanos são respeitados e onde não aceitamos condições ditatoriais na nossa embaixada”.

Costumeiros suspeitos, como Jeb Bush, o ex-governador do Texas, e o senador cubano-americano de New Jersey, Marco Rubio, ambos candidatos à Presidência em 2016, estão possessos com as negociações com Cuba. Disse a propósito Jeb: “Só vai servir para legitimar ainda mais o regime repressivo”. E Rubio: Cuba “é o lar de terroristas e fugitivos que assassinaram cidadãos norte-americanos”. De todo modo, Obama ganhou pontos mundo afora.

CARTA, Gianni.

Até onde vai o reatamento entre EUA e Cuba?
Disponível em: cartacapital.com.br/revista/860/reatamento-ate-onde-6447.html.
Acesso em: 22 dez. 2015.

O que tal mudança pode representar na geopolítica latino-americana e mundial? A partir do texto, quais são as diferenças para os conceitos de liberdade, cidadania e democracia entre Cuba e os Estados Unidos?



:: Sites

Cubahora

Disponível em: cubahora.cu. Acesso em: 22 dez. 2015. Afirma ser a primeira revista digital sobre Cuba. Além de abordar os temas mais variados, desenvolve também análises sobre outros países latino-americanos e de outros continentes.

Cubadebate

Disponível em: cubadebate.cu. Acesso em: 22 dez. 2015. Específico sobre Cuba, pretende ser uma alternativa à informação divulgada sobre o país. Aborda os mais diversos aspectos, entre eles política, economia, cultura, esportes, saúde, ciência e tecnologia, meio ambiente, mídia e até mesmo a questão militar e de inteligência.

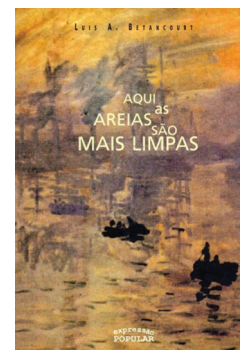
Martí

Disponível em: martinoticias.com. Acesso em: 22 dez. 2015.

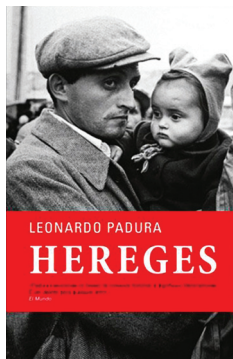
Com atenção um pouco maior para Cuba, o *site* é informativo e noticia também sobre outros países da América Latina e Caribe. Forma um conjunto com a tevê e rádio Martí, ambos digitais.

:: Livros

BETANCOURT, Luis A. *Aqui as areias são mais limpas*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Narrativa que se desenvolve em um contexto de espionagem entre Cuba e os Estados Unidos.



BOITEMPO EDITORIAL



PADURA FUENTES, Leonardo. *Hereges*. São Paulo: Boitempo, 2015. Livro ganhador do X Prêmio Internacional de Romance Histórico "Ciudad de Zaragoza" e finalista dos prêmios Médicis e Fémina, conta a história de judeus que fogem do nazismo e tentam imigrar para Cuba.

CARPENTIER, Alejo. Os fugitivos. Nesse conto, Carpentier faz a denúncia da escravidão nas Américas. Disponível em: contosquevalemapena.blogspot.com.br/2015/02/35-os-fugitivos-carpentier.html. Acesso em: 22 dez. 2015.

:: Filmes

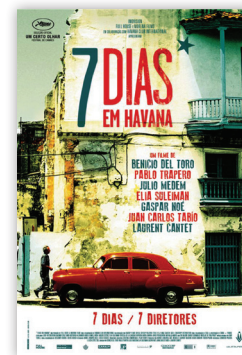
Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica Disponível em: cubacine.cult.cu. Acesso em: 22 dez. 2015. As opções de cinema são também extensas em Cuba. Possivelmente, a melhor maneira de conhecê-lo está no site do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, criado em 1959.

FILME DE WIN WENDERS, 1999



Buena Vista Social Club Direção: Win Wenders. Cuba/Estados Unidos/Brasil e outros países, 1999. Produção já considerada clássica e ganhadora de vários prêmios internacionais, oferece o melhor da música cubana.

7 Dias em Havana Direção: Benicio del Toro e outros. França/Espanha, 2012. O filme é composto por sete curtas e possibilita um melhor conhecimento do cotidiano da capital Havana.



DISTRIBUIDORA IMOVISION



ESTRANGERA FILMES

Através Direção: Fábio Bardella, Diogo Martins e André Michiles. Brasil, 2015. O filme faz um paralelo entre a trajetória da personagem interpretada por Cintia Paredes e a nova realidade cubana desde a reaproximação com os Estados Unidos em 2013.

➔ ÁGORA

É, de alguma maneira, justificável o embargo estadunidense contra Cuba? Indenizações podem mutuamente ser cobradas? Há décadas, ano após ano, sistematicamente quase a totalidade dos países-membros da ONU (isto é, dos países que existem) votam pelo fim do embargo econômico, comercial e financeiro imposto a Cuba. Da mesma forma, sistematicamente e ano após ano, os Estados Unidos desconsideram a decisão. Propomos aqui um debate sobre o embargo, seus sentidos, razões, implicações e perspectivas, bem como o que se pode deduzir dessa postura em relação à política externa dos Estados Unidos.



Em relação aos Estados Unidos, Cuba e México podem ser vistos como opostos: o primeiro, fora o recente ensaio de aproximação, tem se posicionado o mais distante possível. O México, por outro lado, aproxima-se sempre e cada vez mais.



ANNE GRIFFITHS BELTZ/LATINSTOCK



Pobre do México,
tão longe de Deus e tão perto
dos Estados Unidos.

Lázaro Cárdenas del Río, presidente do México (1934-1940).

Nafta: *maquilarias*,¹ violência e a relação com os Estados Unidos

O que é bom para os Estados Unidos é bom para o México... as consequências do Nafta

Diferentemente do grupo de países da América Latina que de alguma forma, alguns mais e outros menos, optaram por caminhos neodesenvolvimentistas ou adotaram elementos dessa estratégia, o México preferiu seguir a cartilha neoliberal.² Indicador de tal opção foi sua entrada no Nafta.³ Destinado especificamente a criar um cenário de liberdade para o comércio e as finanças, após dez anos da participação do México, os resultados, para o povo e os trabalhadores, têm sido altamente negativos. As empresas de *maquilarias*, ou *maquilas*, criadas no México empregam pouco (pois somente montam produtos recebidos desmontados em caixas), por isso mesmo não há transferência e muito menos criação de tecnologia, e também pelo mesmo motivo os salários pagos são muito baixos. Segundo estudos da Universidade Autônoma do México, do Instituto de Política Econômica dos Estados Unidos e do Centro Canadense para Políticas Alternativas, a participação dos salários nos ganhos de produtividade diminuiu e empregos e direitos trabalhistas foram perdidos. Por outro lado, aumentaram os ganhos dos mais ricos. Diz ainda o estudo que as normas do acordo

protegem somente investidores e grandes corporações. Os mais atingidos foram os mexicanos: o crescimento do PIB despencou; os salários se mantiveram nos mesmos níveis de 1994 (comparando-se com 2012); 4,9 milhões de agricultores perderam seu sustento e o número de imigrantes para os EUA aumentou 79% de 1994 a 2000. O trecho a seguir explica um pouco mais o que tem ocorrido com o México após a entrada no Nafta:⁴

[...] Antes do acordo, o México produzia trens, tratores e outros bens industriais. Depois dele, toda a sua indústria foi dizimada, assim como os pequenos e médios negócios.

A produção de milho do México foi praticamente destruída e o país passou a importar o produto *in natura* e industrializado todo dos EUA. Só lembrando que o milho é não só o alimento básico dos mexicanos, é um produto quase sagrado para eles.

A economia mexicana seria supostamente fortalecida nesse acordo. Quando chegou a crise internacional de 2008, o que aconteceu? O PIB do México encolheu mais de 6%, afundando junto com os americanos. O pequeno – previsivelmente – esmagado pelo gigante. [...]



LUIS COSTA/AFP

Tratoristas mexicanos, cuja indústria foi destruída, protestam contra o Nafta após crise de 2008.

¹ *Maquilas* são empresas de manufatura voltadas para a exportação, principalmente aos Estados Unidos e que normalmente só montam produtos vindos desmontados em caixas. Para uma análise crítica sobre as *maquilarias*, ler a dissertação de mestrado de Katiúscia Moreno Galhera Espósito: *Transnacionalização das relações de trabalho: o caso da maquila estadunidense Johnson Controls (plantas Finsa e Interiores)* e o papel da Federação Internacional de Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas (Fitim). Disponível em: goo.gl/adiulQ. Acesso em: 15 out. 2015.

² Ler texto da aula 5 desta Apostila 2.

³ Ler tabela ao final da aula 5 desta Apostila 2.

⁴ Artigo “Quando Golias esmaga Davi” de Janes Rocha, disponível em: goo.gl/R2y3Fj. Acesso em: 22 dez. 2015.

A conclusão é que, ao menos nos primeiros 15 anos do século XXI, o México seguiu caminho contrário ao da maior parte dos países da América Latina em termos de desenvolvimento social.

:: A geopolítica do petróleo

Em 1938, o então presidente mexicano, General Lázaro Cárdenas del Río, nacionalizou as empresas estrangeiras de petróleo (Standard Oil dos Estados Unidos e a Mexican Eagle, controlada pela Royal Dutch Shell, anglo-holandesa). O fato, ocorrido sem violência ou expropriação em outros setores da economia, tornou o hidrocarboneto propriedade do Estado, desde então. Criou-se assim, a empresa estatal Petróleos Mexicanos (Pemex), responsável pelo monopólio da exploração, refino e comercialização da fonte energética, exclusividade que foi rompida em 2013 pelo presidente Enrique Peña Nieto com sua **reforma energética**. A poderosa organização possui atualmente a 17ª maior reserva de petróleo cru, a 31ª maior reserva de gás natural (segundo informações da própria empresa), estando entre as dez maiores petrolíferas do planeta. É também a maior empresa do México e a que mais contribui com impostos em seu país.

Todo esse petróleo, certamente, provoca o interesse de muitos grupos e países, entre eles, o maior consumidor do produto no mundo: os Estados Unidos, influenciando fortemente as relações geopolíticas entre as duas nações. Boa parte do território estadunidense antigamente pertencia ao México: Califórnia, Nevada, Novo México, Texas e partes do Arizona, Colorado, Wyoming, Oklahoma e Kansas. O México foi obrigado a ceder mais da metade de sua área em 1848 com o Tratado de Guadalupe Hidalgo e a Compra Gadsden em 1853 – regiões essas onde justamente concentram-se as maiores reservas de petróleo e gás natural dos Estados Unidos.

:: Três estudantes assassinados e 43 desaparecidos: a cotidiana violência no México

Em relação ao tratamento dado à juventude e quanto às condições de segurança pública, igualmente ocorreu uma sensível piora do quadro nacional.

No Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, ainda há um costume entre estudantes de Direito, conhecido pelo nome de “O Dia da Pindura” (ou “Pendura”),

que acontece somente nos dias 11 de agosto, dia do advogado, de fazer refeições em restaurantes e sair sem pagar. Uma prática talvez semelhante há no México: anualmente, nos meses de setembro e outubro, estudantes de escolas públicas “sequestram” ônibus para que possam ser transportados à cidade do México para participarem de marchas em memória do massacre de 300 estudantes (o governo fala em 30 mortos) ocorrido em 2 de outubro de 1968, quando forças do governo atacaram com armas pesadas e canhões uma manifestação estudantil.

Entretanto, para surpresa do país, na noite de 26 de setembro de 2014, mais de cem estudantes da Escola Normal Rural Isidro Burgos que se dirigiam para a capital foram atacados com armas de fogo. Três foram assassinados, mais de dez ficaram feridos e 43 continuam desaparecidos.⁵ Responsáveis: o próprio governo representado, ao menos, por policiais municipais, estaduais e federais; além também de civis armados. O governo mexicano declarou que todos estavam mortos e enterrados em fossas comuns, depois que teriam sido queimados. Ambas as explicações ainda não foram comprovadas.

O desaparecimento de pessoas, infelizmente, não é uma particularidade desse caso. De acordo com dados da secretaria de Governo do Sistema Nacional de Segurança Pública, divulgados em agosto de 2014, nos oito anos anteriores à pesquisa, 52 941 pessoas desapareceram no México. Somente em 2012, 105 682 pessoas foram sequestradas, segundo a Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH). Informações também confirmadas pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística (Inegi), que mostra terem sido cometidos, igualmente em 2012, 21,6 milhões de delitos. Número assustador e que disparou após a “guerra” iniciada pelo ex-presidente Felipe Calderón contra o narcotráfico. A mesma pesquisa identificou uma mudança de hábitos dos mexicanos devido à violência: 65% dos entrevistados não permitem que os filhos saiam sozinhos; 72% acreditam viver em um local muito perigoso. Em relatório divulgado no ano de 2015 pela ONU, a conclusão foi de que no México a tortura é uma prática generalizada. Quanto à situação da mulher, o contexto pode ser ainda pior. Estudos da ONU revelam que 63% das mulheres responderam ter sofrido abusos por homens, muitas vezes seus próprios parceiros sexuais. Uma pesquisa divulgada pelo Observatório Nacional Cidadão do Femicídio revela que, entre 2012 e 2013, seis mulheres foram assassinadas todos os dias no México.

⁵ Até o final do ano de 2015, não haviam sido encontrados.



EXERCÍCIOS

1. (PUC-SP)

Há países com mais de 60% da população constituída por índios, como Bolívia e Guatemala. E há um país como México, que está ao redor de 12%. Dependendo das condições, não há sentido pleitear essa autonomia [de estados indígenas na América], especialmente se ela ficar submetida a governos que não estão interessados em repassar recursos para o desenvolvimento dessas populações. Há setores do zapatismo e do movimento indígena boliviano que de fato pleiteiam a autonomia, mas ao mesmo tempo estão buscando integrar-se. É importante diferenciar movimentos que buscam maior inserção dos indígenas no mundo globalizado, de movimentos extremados, fundamentalistas, que querem a autonomia a qualquer preço, mesmo que ela venha isolar ainda mais os indígenas.

Nestor García Canclini

em entrevista a *O Estado de São Paulo*,
2 de julho de 2007.

Disponível em: txt.estado.com.br/suplementos/ali/2006/07/02/ali-1.93.19.20060702.4.1.xml.

O texto menciona o "zapatismo" e o "movimento indígena boliviano", ambos atuantes nos dias de hoje. Sobre eles, podemos dizer que o

- zapatismo se manifesta principalmente na região de Chiapas, ao sul do México, defende direitos de diversas etnias de origem pré-colombiana e se diz herdeiro das reivindicações indígenas da Revolução Mexicana de 1910.
- movimento indígena boliviano chegou ao poder com a vitória eleitoral de Evo Morales, defende a produção de cocaína e se diz herdeiro das lutas emancipacionistas de Tupac Amaru, no século XVIII.
- zapatismo e o movimento indígena boliviano representam novas tendências políticas na América Latina e são apoiados e financiados pelos governos estrangeiros da Venezuela, do Brasil e dos Estados Unidos.
- movimento indígena boliviano tem evidente conotação esquerdista e luta pela formação de um Estado unitário na América Latina, nos moldes do projeto bolivariano do início do século XIX.
- zapatismo nasceu no início do século XX e ressurgiu no princípio do século XXI, com o objetivo de apoiar

o ingresso do México no Nafta, mercado comum que envolve ainda o Canadá e os Estados Unidos.

2. (UFRR – adaptado)

[...] os EUA continuam a ser o país que mais atrai imigrantes no mundo, devido à pujança de sua economia, às suas amplas fronteiras, à pobreza reinante a partir de sua fronteira com o México e à proximidade com o Caribe [...]. Assim, muitos imigrantes preferem viver em condições ilegais nos Estados Unidos, pois sabem que ganharão mais do que em seus países de origem, mesmo quando estes atravessam boa fase econômica, como o caso do México nos últimos anos."

BRANCO, M. S.

Integrar ou reprimir?

In: *Revista Discutindo Geografia*. Ano 3, n. 15, 2007.

O texto retrata a atual situação da questão migratória nos EUA. Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, o governo estadunidense assumiu postura mais radical em relação à entrada de imigrantes ilegais. Entre as iniciativas repressivas, podemos destacar:

- A homologação, pelo presidente George W. Bush, da legislação que determina a construção de um muro na fronteira entre os EUA e o México.
- A assinatura do tratado que proíbe a entrada de qualquer mexicano nos EUA, exceto para os que pretendem estudar nas universidades estadunidenses.
- A criação de uma força policial constituída pelo governo dos EUA específica para atuar nos países da América Central, sobretudo no México, Costa Rica, Nicarágua e Panamá (diminuindo assim a soberania dos países vizinhos).
- Em 1990, no governo George Bush, foi promulgada a mais nova lei de imigração (o Immigration Act) que acaba com a concessão do visto de entrada e residência no país (o *green card*) criado em 1965.
- Os EUA passaram a conceder somente visto permanente para os latino-americanos que possuam, no mínimo, o terceiro grau completo e tenham algum parentesco com um cidadão estadunidense.

**ESTUDO ORIENTADO**

Caro(a) aluno(a),

O México tem estado em nosso imaginário, mas geralmente por meio de estereótipos, ou seja, falsas ideias que naturalizam preconceitos. Propomos aqui, mesmo que de maneira breve, o conhecimento de sua cultura, suas potencialidades econômicas, sua controversa história e as trágicas relações geopolíticas mais recentes. Em suma, nesta aula 7 você foi instado a começar a perceber o verdadeiro México!

Bons estudos!

**EXERCÍCIOS**

- (Fuvest) A Revolução Mexicana de 1910, do ponto de vista social, caracterizou-se:
 - pela intensa participação camponesa.
 - pela aliança entre operários e camponeses.
 - pela liderança de grupos socialistas.
 - pelo apoio da Igreja aos sublevados.
 - pela forte presença de combatentes estrangeiros.
- (UESC) A política de imigração dos Estados Unidos tem sofrido alterações, desde o 11 de setembro. Co-participantes do Nafta (Tratado Norte-americano de Livre Comércio), juntamente com o Canadá, o México e os Estados Unidos, continuam enfrentando problemas em relação à política de imigração. Sobre o Nafta e as relações México × Estados Unidos, atualmente, pode-se afirmar que a:
 - fronteira seca entre o México e os Estados Unidos visa, sobretudo, impedir a entrada de cidadãos mexicanos no território norte-americano, porque esses migrantes são responsáveis pela maioria dos delitos que ocorrem no país, tornando-se uma ameaça à segurança nacional.
 - participação do México no Nafta não conseguiu diminuir a concentração de renda nem eliminar a exclusão social do país.
 - entrada do México no Nafta aqueceu a economia do país, possibilitou o pagamento das dívidas externa e interna, graças ao equilíbrio alcançado pela balança comercial.
 - construção do Muro da Segregação na fronteira do México com os Estados Unidos aconteceu após o 11 de setembro, depois das modificações ocorridas na política de imigração norte-americana.
 - característica que difere o Nafta do Mercosul é o fato de o primeiro ser formado por países que se encontram no mesmo estágio de desenvolvimento, enquanto o último agrega países ricos, emergentes e pobres.

**RODA DE LEITURA****As maquiladoras mexicanas: falso sonho de industrialização**

As *maquiladoras* se beneficiam dos privilégios que lhes são outorgados pelo governo mexicano e que lhes permitem explorar seus trabalhadores. O congresso daquele país debate uma reforma trabalhista. Vai melhorar a situação?

Nos anos 1960, o governo mexicano impulsionou um novo modelo de fábrica manufatureira com o objetivo de industrializar o país: as chamadas *maquiladoras*. Atualmente, existem mais de três mil delas ao longo dos dois mil quilômetros de fronteira entre o México e os Estados Unidos, nas quais mais de um milhão de mexicanos estão empregados. Mas... a que preço?

Mago Ávalos trabalhou em uma *maquiladora* de Tijuana durante quatro anos, onde recebia cerca de 50 dólares por semana. Sua jornada, teoricamente, era das duas da tarde às 9h30 da noite, mas era obrigada (contra a opção que consta da lei mexicana) a fazer horas extras: “Na verdade, trabalhava das duas da tarde às seis da manhã”, conta.

Além disso, ela assegura que os patrões obrigam os empregados a trabalhar em ritmo “cada vez mais acelerado e com mais qualidade”. Mago tinha o objetivo de empacotar quinhentas meias-calça por hora: “A única forma de conseguir isso é trabalhar sem sair para tomar água ou ir ao banheiro, comer muito rápido ou até não comer. Porque não cumprir a meta pode significar demissão”.

Vivendo na pobreza

Depois do trabalho, as vidas dos empregados das *maquiladoras* transcorrem em acampamentos conhecidos como “colônias”, carentes dos serviços mínimos, como água potável, luz elétrica ou rede de esgoto. Mago afirma também que há muita violência nessas áreas. O jornalista estadunidense David Bacon, que visitou algumas delas para suas reportagens, as define como “áreas com caminhos de terra à margem das cidades”.

Beneficiados

Desde a criação das *maquiladoras* e principalmente a partir do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, algumas potências, especialmente os Estados Unidos, as utilizaram para melhorar sua competitividade internacional com os privilégios que lhes foram oferecidos por diversos governos mexicanos.

Enrique Dávalos, presidente da Rede de Solidariedade de San Diego, explica que “as *maquiladoras* pagam menos impostos que as empresas mexicanas, utilizam uma força de trabalho muito barata e possuem regulamentações ambientais que nunca são cumpridas”. A falta de cumprimento dessa legislação permite, segundo Dávalos, que as indústrias reduzam custos enquanto contaminam a vida dos trabalhadores, a terra e os animais que vivem próximos das zonas industriais das *maquiladoras*.

Sem defesa

O governo impõe obstáculos a qualquer tipo de organização, de acordo com Bacon: “Se as pessoas decidem criar um sindicato independente ou exigem salários mais altos ou um tratamento mais justo, o

governo toma ações legais. Se há greve, a polícia age com represálias.” São colocados muitos obstáculos aos trabalhadores, a ponto de demiti-los ou encarcerá-los. Mago fala de sindicatos “fantasmas”: “Na empresa em que trabalho, os empregados não tinham visto o sindicato em 40 anos. Começamos a reivindicar direitos e então ele apareceu para nos dizer que não podíamos nos mobilizar porque eles eram nosso sindicato”.

Esta falta de representação permite que muitas trabalhadoras sofram a discriminação no corpo. “O assédio sexual é comum nas *maquiladoras*. Geralmente se dá por parte da administração e caso as mulheres não cedam aos pedidos sexuais dos patrões, são ameaçadas ou demitidas”.

“Tudo em ordem”

A Secretaria de Trabalho do México garante que a indústria *maquiladora* está sendo estigmatizada e insiste que a situação dos empregados melhorou. A subsecretária de Inclusão Trabalhista, Patrícia Espinosa, argumenta que “a indústria *maquiladora*, especialmente no setor químico e também no têxtil, melhorou muito as condições, praticando tudo o que a lei exige. Dão boas condições e têm cuidado com suas trabalhadoras. Evitam a rotação de pessoal e oferecem cursos de capacitação.” No entanto, Espinosa admite que ainda não se conseguiu que 100% das *maquiladoras* eliminem as más práticas.

[...]

CARO, Isabel; GARRIDO, Marta.

As *maquiladoras* mexicanas: falso sonho de industrialização. Disponível em: jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/as-maquiladoras-mexicanas. Acesso em: 22 dez. 2015.

A partir do texto, exercite:

O que são as *maquiladoras* mexicanas na opinião das autoras? Pode haver impactos desse modo de produzir para o restante da América Latina, inclusive o Brasil? Disserte a respeito do assunto. Quem deve fazer e o que pode e deve ser feito para se alterar tal quadro? Há relação desse tipo de empresa no México com o Nafta? Explique. Como os sindicatos devem agir? Considere, para isso, que tanto as entidades sindicais quanto os governos federais atuam, no máximo, em nível nacional, e as empresas transnacionais atuam globalmente.


NAVEGAR
:: Sites
La Jornada

Disponível em: jornada.unam.mx. Acesso em: 22 dez. 2015.

Desde o advento da internet enormes possibilidades educativas tiveram início. Até o início dos anos 1990, estávamos muito limitados a poucos meios de comunicação. Ainda: quem podia adquirir jornais e revistas produzidos no exterior? Outro agravante era a concentração da mídia nas mãos de somente alguns cidadãos, realidade brasileira e latino-americana. Hoje o cenário é melhor, isto é, mais democrático. Podemos acessar uma enorme variedade de materiais escritos e audiovisuais produzidos em qualquer lugar do planeta e, mais importante do que isso, com uma diversidade de ideias e opiniões.

Por isso, damos mais uma dica de agradável e inteligente leitura: o periódico mexicano *La Jornada*. Entre as razões para a indicação desse periódico mexicano está a importância do domínio do idioma espanhol, pois, além de ser um dos mais importantes no mundo, frequentemente é exigido em exames vestibulares, Enem, concursos e na própria vida universitária e profissional. Outro motivo é sua qualidade na informação e análise dos temas mais variados, tanto sobre o próprio país quanto sobre nossa América Latina.

OBNF – Observatorio Ciudadano Nacional del Femicidio

Disponível em: observatoriofemicidiomexico.org.mx. Acesso em: 22 dez. 2015.

É uma associação mexicana composta de 36 organizações de direitos humanos e de mulheres. Desenvolve ações e campanhas com a perspectiva de gênero, bem como estudos relacionados ao tema. Diante da extrema violência contra a mulher no país e em boa parte do mundo, suas práticas e pesquisas têm interesse e importância universais.

:: Livros

BÓRQUEZ BUSTOS, Rodolfo; ALÁRCÓN MEDINA, Rafael; LOZA, Marco. *A Revolução Mexicana: antecedentes, desenvolvimento, consequências*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. Para analisar o México atual, os autores fazem uma retrospectiva histórica, desde o período pré-colombiano, incluindo o Império Asteca e o período revolucionário do início do século XX.



EDITORA MODERNA

DANTAS, Gilson. *México rebelde: Oaxaca, uma comuna do século XXI*. Centelha Cultural.

O livro relata e analisa um movimento social surgido em 2006, no México, a partir de uma greve de professores. A paralisação dos trabalhadores tomou a dimensão maior que os propósitos originais, quando se questionou o poder das autoridades estabelecidas.

:: Filmes
Los nuestros

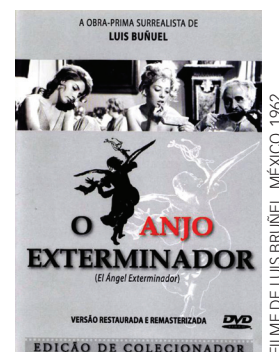
Direção: Francisco Ignacio Taibo II. México, 2015.

A minissérie conduzida pelo jornalista e escritor mexicano, aborda, de maneira atraente e extrovertida, momentos históricos da América Latina, especialmente do México, entre eles a questão do petróleo, as décadas de luta armada e a Revolução Mexicana de 1910. Disponível no *site* da emissora: telesurtv.net. Acesso em: 22 dez. 2015).

O anjo exterminador

Direção: Luis Buñuel. Espanha, 1962.

O filme conta a história de um grupo de aristocratas ou burgueses que se reúnem para jantar em uma mansão mas não conseguem mais deixar o local, impedidos por obstáculos imaginários. Os recursos essenciais como água e alimentação são totalmente consumidos, e a partir dessa situação-limite as máscaras sociais caem e afloram perversos e reprimidos sentimentos, tornando as relações selvagens e imprevisíveis. Disponível no YouTube.



FILME DE LUIS BUÑUEL, MÉXICO, 1962

Frida

Direção: Julie Taymor. Estados Unidos, 2003.

O filme conta a história de Frida Kahlo, uma das mais brilhantes, ousadas e irreverentes artistas de seu país, México, e do mundo. Casada com o também artista mexicano Diego Rivera, era politicamente bastante engajada, chegando a filiar-se ao Partido Comunista Mexicano. Ao longo de sua vida, sofreu muito com vários problemas graves de saúde, o que possivelmente contribuiu para as inúmeras tentativas de suicídio. Em sua obra, retratou a cultura e o folclore mexicanos, sendo ainda considerada um dos principais símbolos do feminismo.



FILME DE JULIE TAYMOR. EUA, CANADÁ E MÉXICO, 2003

➔ **ÁGORA**

Infância perdida

De acordo com dados fornecidos pela Redim (Rede por Direitos da Infância no México), o México tem 40 milhões de habitantes com menos de 40 anos: 35,7% da população total. No país, 53% das crianças são pobres, ou seja, 22 milhões; dessas, 12% (4,7 milhões) estão na pobreza extrema, diretamente dizendo, são miseráveis.

Diante dos fatos, discuta com seus colegas e professor a importância (ou não) de programas de Transferência Condicionada de Renda para alívio de situações sociais extremas. Aproximadamente 40 países possuem propostas semelhantes ao brasileiro **Bolsa Família**, como o *Snap* nos Estados Unidos, além das políticas públicas do Chile, Colômbia e o Oportunidades do México. Tais políticas sociais devem ser aplicadas para minorar o sofrimento de milhões de pessoas ou acabam “viciando” essas pessoas na pobreza? Os programas devem estar associados a contrapartidas dos beneficiários? O que fazer para eliminar a fome crônica?

S E N H A
O sonho americano acabou?

831-2



Aula 4

:: Estudo orientado

1. a
2. b
3. d

Aula 5

:: Estudo orientado

1. b
2. b
3. d
4. c
5. b

Aula 6

:: Estudo orientado

1. c
2. d

Aula 7

:: Estudo orientado

1. a
2. b